



EVANGELHO DE SÃO MATEUS

Conforme o nosso calendário anual, já que estamos liturgicamente no ano A, vamos estudar o Evangelho de São Mateus.

CONTEXTO

O Evangelho escrito para os judeus convertidos para cristianismo e que estavam em diáspora,¹ provavelmente em Síria, Antioquia ou na Fenícia. O texto, originariamente foi escrito na língua aramaica nos anos 60, porém perdido, mas logo foi reescrito na língua grega, nos anos 80-90, algum tempo após a destruição de Jerusalém. O Evangelho reflete as tradições hebraicas, mas ao mesmo tempo deixa entrever uma polémica declarada contra o judaísmo farisaico.

AUTOR

Do seu autor, a mais antiga tradição eclesiástica atribui-o ao apóstolo Mateus, um dos Doze, identificado com Levi, cobrador de impostos (9,9-13; 10,3). Pelo conhecimento que mostra das Escrituras e das tradições judaicas, pela estrutura e conteúdo do Evangelho, Mateus era, com certeza, um letrado judeu tornado cristão, um mestre na arte de ensinar e de fazer compreender o mistério do Reino do Céu, o tesouro da Boa-Nova anunciada por Jesus, o Messias, Filho de Deus.

COMPOSIÇÃO LITERÁRIA, DIVISÃO E CONTEÚDO:

Segundo o plano geográfico:

No Evangelho de Mateus, a partir de um olhar geográfico, percebemos que existe uma divisão bem semelhante aos Evangelhos de Marcos e de Lucas e que podemos chamá-la de *estrutura sinótica*: o ministério de Jesus na Galileia (4,12b-13,58), a sua atividade nas regiões limítrofes da Galileia e a caminho de Jerusalém (14,1-20,34), ensinamentos, Paixão, Morte e Ressurreição em Jerusalém (21,1-28,20).

Introdução: 1,1-17;

Evangelhos da Infância Mt: 1,18-2,23;

¹ Diáspora: Assim era chamado os judeus que viviam fora de Palestina, eram pessoas que foram deportados nos tempos de exílios e alguns permaneceram por lá e outros voltando moraram fora de Palestina ou então muitos foram dispersos após a destruição de Jerusalém no ano 70 e viviam espalhados pelo mundo. Por isso que o livro dos Atos dos Apóstolos fala que no dia de Pentecostes “estavam em Jerusalém os judeus provenientes de todas as partes do mundo, que falavam várias línguas” At 2,5ss. E os que eram de fora falavam a língua grega e tinha uma certa enculturação e modernização junto com a cultura grega (que era a língua dominante do mundo) embora procuravam manter-se suas tradições e culturas próprias como judeus. Se preocupavam em visitar o templo de Jerusalém pelo menos uma vez por ano e pagar o dízimo assim como fala Tobias Tb1,2.5-8. 11-13 Alguns judeus viviam igual aos outros casando-se com estrangeiros e perdendo sua identidade e outros permaneciam fieis. E era comum com sua mente avançada e inculturada criticar os fariseus tradicionalistas de palestina pela sua dureza de coração justificando e obedecendo cegamente à Lei. E no Evangelho de Mateus do início até final podemos encontrar esta dureza de coração deles diante da novidade de Jesus, do Novo Testamento.

Preparação do Ministério Mt : 3,1-4,16;
Pregação de Jesus na Galiléia: 4,17-16,20;
Descida para Jerusalém: 16,17-20,34;
Ministério em Jerusalém: 21,1-25,46;
Paixão, morte e ressurreição de Jesus: 26,1-28,20.

Segundo o gênero literário: Entretanto, observando melhor o Evangelho de Mateus, percebemos que existe dentro desta estrutura sinótica um detalhe importante. Em todo o livro, percorrem dois gêneros literários, ou forma de escrever: **Relato (narração) e Discurso**. Todo o Evangelho de Mateus é escrito seguindo estes dois gêneros. Assim sendo, após o relato de alguns fatos ou episódios, aparece sempre um discurso de Jesus. É uma forma didática para transmitir a mensagem.

As narrações (são 5) e encontramos nos seguintes capítulos: 3-4; 8-9; 11-12; 14-17; 19-22; 26-28. Já os discursos (são 5) e encontramos nos capítulos: 5-7; 10; 13; 18; 23-25.

Através das **Narrações**, vamos encontrar a vida de Jesus, seu enraizamento na história de seu povo. Através dos **discursos**, vamos encontrar a preocupação da comunidade de Mateus com o seguimento de Jesus: diante da *novidade de Jesus*, quais são os desafios que o cristão deve enfrentar. É a luta eterna que cada cristão deve fazer: dar continuidade ao passado, ao Antigo, à tradição, e abraçar a novidade, o Novo: o vinho novo nos odres novos embora tenhamos em casa tantos odres velhos! Ou o vinho novo em odres velhos???

Por estes dois fios passam o vigor e a essência da mensagem que Mateus quer transmitir: A Boa Nova do Reino! Nesta sequência entre narrações e discursos, não podemos esquecer dos **primeiros dois capítulos** que tratam sobre a infância de Jesus e **últimos dois capítulos 26 a 28** que tratam da Paixão e Ressurreição.

Os dois primeiros são como uma apresentação de tudo o que vai ser dito logo em seguida. Trazem em si, a seu modo, a mensagem da Boa Nova contida na infância de Jesus. Já os últimos capítulos colocam o desfecho de tudo, a conclusão final: Cristo Ressuscitou! A Comunidade está viva através de Jesus! Vejamos as divisões colocadas passo a passo:

INTRODUÇÃO:

EVANGELHO DA INFANCIA DE JESUS (1-2)

1,1-17: JESUS REALIZA AS PROMESSAS DO ANTIGO TESTAMENTO

1,18-2,23: JESUS COMEÇA **UM NOVO ÊXODO**

1ª PARTE: A PROCLAMAÇÃO DO REINO DE DEUS (3-7) A

3-4: NARRAÇÃO – Primeiros anúncios do Reino

5-7: **O DISCURSO DA MONTANHA**

2ª PARTE: A PREGAÇÃO DO REINO DOS CÉUS (8-10) B

8-9: NARRAÇÃO – OS SINAIS DO REINO

10: **O DISCURSO DA MISSÃO**

3ª PARTE: O MISTÉRIO DO REINO DOS CÉUS (11-13,52) C

11-12: NARRAÇÃO- AS REAÇÕES DIANTE DA PRÁTICA DE JESUS

13,1-52: O DISCURSO DAS PARÁBOLAS

4ª PARTE: A IGREJA, O NOVO POVO DE DEUS, AS PRIMÍCIAS DO REINO DOS CÉUS 13,53-18) B1

13,53-17,27: NARRAÇÃO – O SEGUIMENTO DE JESUS

18,1-34: **O DISCURSO ECLESIAL - SOBRE A IGREJA**

5ª PARTE: A VINDA PRÓXIMA E DEFINITIVA DO REINO DOS CÉUS) 19-25 A1

19-23: NARRAÇÃO – O REINO DE DEUS É PARA TODOS

24-25: **O DISCURSO ESCATOLOGICO (DA VIGILÂNCIA)**

CONCLUSÃO 26-28

26,1-27,56: PAIXÃO E MORTE DE JESUS

27,57-28,20: A RESSURREIÇÃO DE JESUS

CONTEUDO TEOLÓGICO:

1. Jesus é a continuidade do AT:

Ele é o filho de Abraão, filho de Davi, é o cumprimento da Lei e os Profetas (Mt,1,1). O Evangelho, já que foi escrito para os judeus cristãos fora de Palestina, encontramos uma continuidade com o AT, o autor valoriza o caminho feito por judeus até aqui, porém, com a novidade de Jesus: Jesus mesmo disse “Eu não vim para abolir a lei mas para leva-la à perfeição” (Mt 5,17). O fato de iniciar o Evangelho com a genealogia de Jesus começando o patriarca Abraão nos mostra desta continuidade do novo Povo com o AT. De fato, a história do Povo judaico começa com Abraão (Gn 12). O título Jesus, “filho de Davi”, aparece dez vezes como em todo o Evangelho.

No entanto são Lucas (que escreve o Evangelho para os pagãos convertidos e por isso) colocará a genealogia de Jesus após do Batismo de Jesus (Lc3,23ss) e apresenta a ordem da genealogia começando Jesus subindo até a “Adão, filho de Deus” mostrando que a partir do Batismo cada cristão faz parte da genealogia de Adão, filho de Deus, redimido por Cristo, independente se pertencia ou não ao povo Israel, ao povo de Abraão ou de Davi.

2. Jesus é o cumprimento da Lei e do AT:

O povo judeu estava esperando a vinda do Messias e Mt nos apresenta Jesus como o cumprimento da Lei e os profetas (Sagrada Escritura). Como muitos dos judeus não conseguiram acreditar nele e desde quando Jesus chegou temos a presença de um povo judaico que recusa em acreditar nele (3,1-13,58), o perseguiram e o crucificaram. Desde o nascimento até a morte de Jesus encontramos pessoas do seu povo rejeitando-o e, os povos do oriente, os pagãos como os magos, o acolhendo.

Cristo realiza as Escrituras, não só cumprindo o que elas anunciaram, mas aperfeiçoando o que elas significavam (5,17-20). A validade da Lei (a Torah) mosaica é afirmada (5,17-20), mas seu desenvolvimento pelos fariseus é rejeitado por Jesus. “não veio a abolir a Lei, mas dar-lhes pleno cumprimento”. Assim, os textos confirmam a fidelidade de Jesus aos desígnios divinos e, simultaneamente a novidade que ele trouxe.

3. Jesus: o novo Moisés:

Todo o Evangelho de Mt é dividido em cinco partes para recordar os cinco livros da Lei de Moisés. De fato, são cinco os livros do Pentateuco ou da Torá e o **Evangelho é a nova Lei, nova Torá dividido em cinco partes** entre narrações e discursos.

Jesus, no início do Evangelho, na primeira sermão (Mt 5) sobe para o monte, como Moisés no Monte Sinai e no final do Evangelho abençoa e envia os seus discípulos do outro monte, o monte de Galileia.

A infância de Jesus é uma cópia da infância de Moisés.

Se juntarmos os dois gêneros literários: narrativa e discurso, temos então 10 blocos literários lembrando o **decálogo** ou mesmo, as dez etapas da história da Salvação: criação patriarcas, libertação, tribos, monarquia, divisão do reino, exílio, pós exílio, Macabeus e Jesus Cristo.

Por fim, se acrescentarmos a introdução e a conclusão, teremos então 12 partes, lembrando as doze tribos de Israel ou olhando para o NT, os doze apóstolos que formam o novo povo de Deus.

4. Jesus é o Deus conosco, o Emanuel, o Reino de Deus: no início, no meio e no fim do Evangelho (cf. Mt 1,23, 18,20 e 28,20), Mt nos apresenta o **Emanuel, o Deus conosco, o Reino está no meio de nós:** O Evangelho começa com o nome de Jesus **Emanuel (Mt 1,23)**, no meio do Evangelho diz: “onde houver reunidos duas ou mais pessoas em meu nome eu estarei lá no meio deles” (**Mt18**) e no final o Evangelho conclui dizendo: **Estarei convosco até o fim” (Mt 28,20)**. Assim Mateus nos mostra a característica da Igreja: a presença permanente de Jesus, Emanuel, no meio de nós, no meio da Igreja. Assim como Moises conduziu o Povo judaico, Jesus vai conduzir o novo Povo, a Igreja.

Olhando para a estrutura do Evangelho já podemos ver que o filo condutor do Evangelho de Mateus é o Reino de Deus. As cinco partes narrativas falam do Reino de Deus.

1. – **A promulgação do Reino** dos Céus (Mt 3-7) - **A**
2. – **A pregação do Reino** dos Céus (Mt 8-10) - **B**
3. – **O mistério do Reino** dos Céus (Mt11-13,52) - **C**
4. – **A Igreja**, primícias do **Reino** dos Céus (Mt 13,53-18) – **B1**
5. – **O advento próximo do Reino** dos Céus (Mt 19-25) – **A1**

O Reino de Deus é Jesus mesmo. Aonde tem Jesus, tem o Reino. Podemos dizer que o tema central do Evangelho é o Reino de Deus. O Reino anunciado e preparado pelo AT, agora em Jesus está cumprindo e realizando. Por isso Mt diz que não precisa mais os judeus cristãos esperar para outra promessa. Ele está já aqui no meio de nós. A não aceitação de Jesus da parte dos judeus e a rejeição das autoridades desde o nascimento de Jesus Mt mostra aos judeus cristãos como cumprimento das Escrituras. E também a incredulidade das multidões (13,13-15) sobretudo dos discípulos dos fariseus ligados às suas tradições humanas (15,7-9) e explicada por Jesus através as parábolas (13,14-15.35) é anunciada pelas Escrituras.

5. “O já e ainda não: O Reino instaurado por Jesus é um Reino “já e ainda não”. Aonde tem Jesus tem o Reino de Deus. E este Reino é como a semente de mostarda, que nasce, cresce sem a gente mesmo perceber (Mt 13) e é o tesouro escondido que precisamos descobrir e comprá-lo de preço grande.

6. O Evangelho de Mt, uma verdadeira catequese da Igreja primitiva:

Mt fala explicitamente duas vezes sobre a Igreja (Mt16,18 e 18,17); fala de seu caráter, seus problemas e sua missão; a autoridade dada por Jesus a Pedro (10,2) e aos seus apóstolos; a oração que Jesus prometeu intercedendo para Pedro; os aconselhamentos para um cristão quando ele deve resolver os problemas e conflitos no meio das dificuldades; a solicitude pela ovelha extraviada e pelos pequenos; o perdão e a humildade; e, menciona também da possível fracasso e fragilidade dos pastores. Na igreja, os santos e os pecadores estarão misturados até o último dia (13,36-43; 22, 11-14; 25); E apesar das suas fragilidades ela é enviada em missão ao mundo inteiro. Os rejeitados pelo antigo Israel (21,31-32) unidos aos pagãos convertidos se tornam o novo Povo de Deus (21,43).

Por isso desde o séc. II, o Evangelho de Mateus foi considerado como o “Evangelho da Igreja”, o Evangelho para uma “catequese por excelência”.

O Reino proclamado por Jesus é, antes de mais, a presença misteriosa de salvação já atuante no mundo. Ele é o Salvador, o Filho de Davi e o Messias esperado, o Emanuel, o «Deus conosco» (1,23) até à consumação da História (28,20); é o Mestre por excelência que ensina com autoridade e interpreta o que a Lei e os Profetas afirmam acerca do Reino do Céu; é o Messias, no qual converge o passado, o presente e o futuro e que, inaugurando o Reino de Deus.

Para uma experiência mística:

Se Jesus é o senhor da história, se ele dá o cumprimento à nossa história, ele não desconsidera o nosso passado, cada detalhe do nosso passado foi conhecido e assumido por ele; ele não tem vergonha, nem nojo de nós, ele permitiu e ele estava presente e ele acompanhou cada nosso passo até aqui. E os nossos pais, os nossos antepassados, os nossos parentes e amigos, tudo faz parte da nossa história e como o Emanuel, o Deus conosco estava conosco toda nossa história é história da salvação. Contemple-a.

INTRODUÇÃO: EVANGELHO DA INFANCIA DE JESUS (1-2)

1,1-17: JESUS REALIZA AS PROMESSAS DO ANTIGO TESTAMENTO

1,18-2,23: JESUS COMEÇA UM NOVO ÊXODO

1. A genealogia de Jesus: A genealogia para os Israelitas era muito importante. Podemos ver em todo o Antigo Testamento, em especial quando recomeça a nova etapa da sua história para mostrar a continuidade com o passado, com sua família. Assim por exemplo, Gn 5, de Adão até Noe, Gn 10 após o dilúvio, Descendentes de Abraão Gn 25,1-4 e de Jacó (Gn 46, 1 Cr 2-8); Assim voltando do exílio retoma a genealogia, voltando do exílio babilônico o livro de Crônicas retoma a genealogia. Para os Israelitas, no tempo de Esdras e Nemias, era importante a genealogia, pois quando viveram no meio dos povos pagãos algumas famílias casaram com os pagãos e perderam a sua identidade. E a genealogia mostra a pureza da família, da sua raça que era um requerimento importante para contrair o matrimônio. E apresentando a genealogia de Jesus Mateus não tem intenção apresentar um catálogo familiar, a descendência exata e biológica da família de Jesus começando a Abraão. Também porque a genealogia de

Jesus narrada por São Lucas é diferente e os dois acrescentam ou omitem as ordens desta genealogia. A intenção do autor é puramente teológica.

Começa com “Jesus, filho de Abraão, filho de Davi”:

Jesus é filho de Abraão. Abraão é pai de uma multidão = símbolo de todos os povos (Gn 12,2; 17,5), ou seja, pai de todos os povos. A presença dos três magos já no nascimento de Jesus mostra esta abertura das nações para chegada de Jesus, além das 4 mulheres que iremos falar já. O fato de colocar a genealogia de Jesus no início do Evangelho nos envia também para o outro lado da ponte, ao penúltimo versículo do Evangelho: *“fazei que todas as nações se tornem discípulos”* Mt 28,19. A história particular de Jesus apresentada no início do Evangelho já contém a semente da universalidade, da totalidade da sua família.

Jesus é o filho de Davi: Do outro lado, Jesus é a continuidade do Povo de Israel. Jesus nasceu na família de Davi (assim tinha proferido o profeta Natan 2Sam 7,8-16), ele faz parte da história de Israel, Ele é o Messias esperado, o cumprimento da Lei e os profetas. Todo o evangelho tem o sabor do Antigo e do Novo. Respeita a Torá, a Lei de Moises, mas mostra a novidade que Jesus traz: “Foi dito assim, mas eu vos digo”.

A presença das 4 mulheres pecadoras e estrangeiras na genealogia de Jesus já mostra como a história de Israel (que já contém a semente dos pagãos) preparada para nascer Jesus e, sua missão será unir os dois povos: judeus e pagãos.

Nas genealogias normalmente não se consideravam as mães. Na de Jesus, contrariando o uso judaico, foram inseridas algumas, não célebres matriarcas, como Sara de Abraão, Rebeca de Isaac, Lia e Raquel de Jacó, mas quatro, quase todas mal afamadas: Tamar, cananéia engravidada por seu sogro Judá (cf. Gn 38,13-19); Raab, prostituta cananéia em Jericó (cf. Js 2,1), Rute, moabita de sã conduta, mas pagã (cf. Rt 4,13-17) e Betsabé, a que adulterou com Davi (cf. 2Sm 11,3-5).

Ler a história de cada uma delas: **Tamar (Gen 38); Raab (Js2); Rute; Mulher de Urias (betsabé) 2 Sam 11**

Destas histórias podemos concluir que Jesus provém de uma família onde tem entre seus antepassados quem matou, quem roubou, quem roubou a esposa do filho, quem roubou a esposa do amigo, quem teve filhos pelos relacionamentos errados, quem levantou as mãos contra o inocente etc. Até o próprio Davi, sabemos o que fez com seu amigo fiel para roubar sua esposa Betsabé. Após de tudo isso Jesus foi chamado: “Jesus, filho de Davi, tende pena de mim”.

Jesus não tinha vergonha nem nojo dos seus pais e dos seus antepassados, ele não escondeu o seu passado, ele não sentiu a vergonha dos erros e dos atos vergonhosos dos seus parentes. Ele abraçou a nossa história, ele abraçou a história do seu povo. E ao falar do mistério da encarnação, *ele assumiu a nossa condição humana* significa que ele abraçou, assumiu para si, carregou sobre si toda nossa história, todo nosso passado independente se suas páginas sejam manchadas de sangue, de delitos vergonhosos ou não.

Mateus com sua genealogia mostra como Jesus engloba toda a história de Israel, com suas glórias e seus erros, e que veio como Salvador de todos, judeus e pagãos (lição de universalismo), justos e pecadores (lição de graça), como “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29; cf. 2Cor 5,21). Ensina que nem mesmo a indignidade do

homem consegue anular os planos de Deus em sua marcha por caminhos às vezes tortuosos e cheios de mistérios. Deus é fiel, mesmo quando o homem O nega.

- **A diferença entre Mt e Lc na apresentação da genealogia:**

Mt apresenta três séries de 14 gerações, com uma estrutura teológico-simbólica: Divide a genealogia de Jesus em três grupos de catorze gerações: de Abraão até Davi, de Davi até o cativo babilônico, ocorrido em 586 a.C., e do exílio judaico até Jesus.

Mt escreve o Evangelho para os judeus convertidos, descendentes de Abraão, e por isso Jesus é o cumprimento da promessa feita à Abrão (Gn 12,3), à Davi (“o teu trono se estabelecerá para sempre” 2Sm 7,12-13; Sl 88,29-30; 131,11-12).), e o Evangelho termina com a missão dos apóstolos: “fazei que todas as nações se tornem discípulos” Mt 28, 19. A recapitulação de todos os povos pela vinda de Jesus: judeus e pagãos.

Basta considerar que entre Esrom e Naasson decorreram os 430 anos da estadia dos hebreus no Egito (cf. Ex 12,40), tempo que exige mais de 14 gerações, atribuindo-se mais ou menos 25 anos a cada geração. Mateus omite vários nomes intermediários. Também entre Salmon e Davi medeiam 350 anos, e nessa lista só constam 4 gerações. Entre Jorão e Ozias, foram omitidos os reis Ocozias, Joás e Amasias. Mateus, como fazem frequentemente os orientais, quis apresentar 14 gerações convencionais antes da escravidão na Babilônia por questão de simetria, para facilitar a memória, porque o objetivo não é dar a conhecer todos os ascendentes e sim mostrar os mais ilustres e famosos. Por exemplo, os três reis, Ocozias, Joás e Amasias foram maus e, por parte de mãe, vinham da família do também ímpio Acab, amaldiçoado por Deus (cf. 1Rs 21,21; Ex 20,5). Entre Josias e Jeconias, foi omitido Joaquim, por ter sido feito rei por Neco, faraó do Egito, e não pelo povo. Também para forçar o número artificial de 14 é preciso contar duas vezes Jeconias, antes e depois de Babilônia. De Abiud a José, os nomes não constam dos livros sagrados, mas de arquivos públicos.

14 é múltiplo de 7, número sagrado para os hebreus, porque ligado à ordem dos planos divinos na história. E o 14 também é o valor simbólico da soma das consoantes do nome David no original, quando ainda não havia vogais: D = 4, V = 6, D = 4; total = 14. Davi era o grande rei do povo (DVD=14) e Jesus é três vezes mais que Davi (14+14+14).

Lucas dirige-se aos pagãos convertidos, para mostrar a dimensão universal da missão de Jesus, que veio para salvar não só os judeus, mas todos os descendentes de Adão.

Lucas, por isso aborda a genealogia de Jesus retrocedendo, começando de Jesus chegando até Adão, e apresenta os seus 72 nomes. A humanidade olhando a partir de Jesus, que é o novo Adão, provém do antigo Adão que é o filho de Deus. O número 72 era o número dos povos do mundo (Ex 1,5), e Lc quer mostrar que Jesus recapitulou em si toda a humanidade e a humanidade inteira e imprimiu-lhe um novo rosto, uma nova identidade pelo mistério da encarnação.

- **O esquema da genealogia termina com uma mulher:** Através de todas as gerações, tal genealogia avançará seguindo um esquema: “Abraão gerou Isaac...; no final, porém aparece uma coisa muito diversa: Em relação a Jesus, já não se fala de geração, mas afirma-se: “Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo” (Mt 1,16). Aliás, Mt nos diz que José não era o pai de Jesus: “tendo ele a intenção de repudiar Maria em segredo por causa do suposto adultério, e então lhe foi dito: “o que

nela foi gerado vem do Espírito Santo” (Mt 1,20). Assim a última frase dá uma nova orientação para toda a genealogia. Maria é um novo início: o seu filho não provém de um homem, mas é uma nova criação, foi concebido pelo Espírito Santo², mostrando assim claramente a concepção virginal de Maria. O texto afirma: “ José não a conheceu até o dia em que ela deu à luz um filho” Mt 1,25.

2. A paternidade jurídica de José: À José foi dado dois encargos: receber Maria como sua esposa e dar o nome a Jesus. “Maria dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois Ele salvará o seu povo dos seus pecados” Mt 1,21. José é juridicamente o pai de Jesus: dar o nome ao filho e registrá-lo como filho era um ato público, jurídico diante da sociedade para dizer que *este filho é meu e eu tomo conta dele*. José faz este ato jurídico segundo como o anjo lhe pediu. O mesmo podemos ver também no nascimento de João Batista, o pai Zacarias coloca o nome ao filho e neste momento a língua se desatou (Lc1,64). O nome é o mesmo que o anjo indicará à Maria para o Menino: Jesus. O nome Jesus (Jeshuva) significa “o Senhor (YHWH) é a salvação”.

São José, o protagonista do Evangelho da infância em Mt: Na narração do nascimento de Jesus segundo o Evangelho de São Lucas o anjo aparece a Maria, aos pastores, a Zacarias etc. e no Mt o anjo aparece a José e ele vem saber do anjo sobre a gravidez de Maria. O anjo aparece várias vezes a José: no anúncio, na fuga e no retorno (1,20; 1,13;1,19) e José sempre e imediatamente obedece ao anjo.

3. A visita dos magos:

A acolhida dos pagãos diante da Boa Nova: Além da presença das mulheres estrangeiras na genealogia, desde primeiro capítulo de Mt podemos ver a presença dos pagãos ao redor de Jesus. Enquanto o seu povo estava pesquisando nas Sagradas Escrituras junto com o rei Herodes para saber onde que nasceria o Messias segundo a profecia e isso, com uma segunda intenção atrás: perturbado pela notícia, querendo eliminar aquele Menino, estavam lá pesquisando. No entanto, os reis magos que não pertenciam ao povo judaico vão adorar Jesus. Parece irônico: os pagãos anunciam do nascimento do Messias aos judeus e eles estão aí ignorando a Escritura ou até mesmo pesquisando do que já sabiam e não querendo entender e obedecer do que a Escritura diz. Os magos têm a obediência imediata “foram de pressa e alegremente seguiram a estrela e os judeus e Herodes ficaram lá dizendo: “depois a gente vai a homenageá-lo”.

Quem eram os magos? Os magos provavelmente eram da casta sacerdotal de Persa. Na cultura helenística eram considerados como “cultivadores de uma religião autêntica” e eram da linha dos filósofos. E alguns seguidores filósofos eram destes magos. Por isso que são chamados em algumas edições da Bíblia como “sábios”. Existia neles uma força que coloca os homens a caminho. É a sabedoria que leva em última instância a Cristo. Do outro lado, por Tácito e Suetônio³, sabemos que já desde 4º século a.C. circulavam expectativas segundo as quais sairia de Judá o dominador do mundo – uma expectativa que Flavio

² Joseph Ratzinger, A Infancia de Jesus p. 16

³ Historiadores dos primeiros séculos.

Josefo interpretou indicando que tal figura era Vespasiano⁴, com o resultado de ter caído nos seus favores (cf. de bello lud., III pp. 399-408).⁵

O caminho dos magos nos mostra a inquietação interior do homem, à procura da verdadeira Estrela da salvação. E segundo a tradição estes três reis magos eram provenientes dos três continentes para mostrar a universalidade dos reinos (África, Ásia e Europa), os três continentes conhecidos naquela época e mostram também, os três relacionados a três idades da vida do homem: a juventude, a idade adulta e a velhice. Tudo isso teologicamente nos faz resumir que: os sábios do oriente constituem um início, representam o encaminhar-se da humanidade para Cristo, inauguram uma procissão que percorre a história inteira. É a expectativa interior do espírito humano, o movimento das religiões e da razão humana ao encontro de Cristo. Todas as raças e religiões se ajoelharão diante deste Deus.

4. A estrela: é o poder invisível que conduz os magos a caminho. A criação oferece ao homem o caminho para Cristo, mas chegando em Jerusalém foram até a Herodes para saber aonde é o local exato do nascimento do Rei dos judeus e precisou Herodes chamar os chefes judaicos e pesquisar na sagrada Escritura o que está escrito a respeito disso. Juntamente com as ciências cósmicas é necessário a Sagrada Escritura para chegar ao conhecimento exato de Cristo.

Segundo Gregório Nazianzo, no momento em que os magos adoraram o Menino, chegou o fim do movimento dos astros. Os planetas representavam a divindade dos deuses pagãos⁶: O sol e a lua - as grandes divindades do mundo pagão - os luzeiros que Deus mantém suspensos, juntamente com toda a série das estrelas, no firmamento celeste (cf Gn 16,17) agora param. De fato, após de Pentecostes quando Paulo vai anunciar o Evangelho aos Efésios e aos Colossenses, prega fortemente: Ele, o Cristo ressuscitado venceu todo principado e potestade do ar e domina o universo inteiro, ele recapitulou consigo, todos os poderes do céu e da terra.

A estrela brilhante: Será que aconteceu um fenômeno físico ou é simplesmente um aspecto teológico? Encontramos nos escritos antigos os fenômenos semelhantes: por exemplo em tabuas cronológicas chinesas do ano 4 a.C encontramos mencionando: “aparecera e foi vista durante longo tempo uma estrela brilhante” e segundo alguns astrônomos modernos (Johannes Kepler (+ 1630) nos anos 7 a 6 a.C se verificou uma conjunção dos planetas Júpiter⁷, Saturno e Marte. Segundo ele, no nascimento de Jesus deve ser acontecido um fenômeno semelhante. Para Ferrari d’Occhieppo, provavelmente Júpiter aparecia no seu máximo esplendor no momento da sua aparição de noite ao lado de Saturno, o representante cósmico do povo dos judeus. O universo fala de Cristo e leva para Cristo. “O céus narram a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de Deus...” (Sl 19).

5. A cidade inteira se agitou: Seja no nascimento que na semana da paixão, a entrada de Jesus em Jerusalém fez com que a cidade ficou perturbada. Ao nascer, “O rei Herodes ficou alarmado e com ele toda Jerusalém (Mt 2,3) e nas vésperas da sua paixão “a cidade

⁴ Imperador Romano (9-79 d.C)

⁵ Joseph Ratzinger A Infancia de Jesus p. 81

⁶ Cada dia era dedicado a um dos deuses:

⁷ Júpiter era a estrela da mais alta divindade babilônica.

inteira agitou-se” (Mt 21,10). Herodes ficou perturbado porque os magos perguntaram “aonde vai nascer o Rei dos judeus?” e na semana da paixão Jesus entra na cidade como rei, cantado pelo povo: “Hosana nas alturas, bendito aquele que vem em nome do Senhor”, cumprindo assim a profecia: “Eis que o teu Rei vem a ti, modesto e montado em uma jumenta...” (Mt 21,5; Zc 9,9).

Mt está aqui já antecipando o lavar-se a mão de Pilatos e dos sumos sacerdotes: “Chegada a manhã, todos os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo convocaram um conselho contra Jesus, a fim de leva-lo à morte. Assim amarrando-o, levaram-no e entregaram a Pilatos, o governador” (Mt 27,1-2). A realeza de Jesus e sua Paixão caminham juntas. De fato, para São João, a Hora da Paixão é a Hora da Realeza.

O mundo deitado nas trevas não quer acolher um Rei que o salva, tem medo dele, e por isso nos dois casos vem convocados “todos os chefes dos sacerdotes e escribas do povo” (Mt 2,4). Deus está atrapalhando a comodidade diária do homem! E após de ter encontrado na Escritura aonde nasce o Menino, os magos vão adorá-lo mas Herodes e os chefes do povo Israel não vão adorá-lo, vão se organizar para saber como eliminar aquele rei.

6. Belém, cidade menor de Judá: E qual foi a resposta da Escritura que Herodes recebeu? A profecia de Miqueias: “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és menor entre as principais cidades da Judeia, pois de ti sairá um chefe” (Mq 5,1) que apascentará Israel, o meu povo (2Sam 5,2) (Mt 2,5).

De fato, ao escolher Davi como rei, até o próprio pai o considero como o menor, o pequeno e o insignificante aquele filho entre os outros filhos, mas para Deus “não conta o aspecto nem a elevada estatura, mas o coração” (1Sam 16,7). E Maria canta no seu magnificat: “derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes” (Lc 1,52).

7. A adoração dos magos diante do Menino: Em Jerusalém a estrela tinha desaparecido por completo. Depois do encontro dos Magos com a Palavra da Escritura, a estrela resplandece de novo para eles. A criação, interpretada pela Escritura, volta a falar ao homem⁸. Para descrever a reação dos Magos Mt lança mãos dos superlativos: “Revendo a estrela, alegraram-se” (Mt 2,10). É a alegria daquele que encontrou e que foi encontrado.

“Ao entrar na casa, viram o Menino com Maria, sua mãe e prostrando-se adoraram-no” Mt 2,11. E é incrível que Mt aqui não menciona o nome de José, mostrando assim o nascimento do Menino Deus da *Virgem* Maria.

Os presentes oferecidos ao Menino têm a alusão das oferendas do Povo ao Deus de Israel: o ouro apontaria para a realeza de Jesus (Rei), o incenso para o Filho de Deus (Sacerdote – Perfeito Deus) e a mirra para o mistério da sua Paixão (Perfeito homem).

De fato, o evangelista João nos apresenta a mirra para ungir o corpo de Cristo (Jo 19,39). É interessante aqui lembrarmos que a mirra era usada para conservar o corpo mortal e na manhã da páscoa quando as mulheres chegaram com a mirra para ungir o corpo de Jesus, Ele estava já ressuscitado, não precisaria mais da mirra no corpo de Jesus, pois Ele é vivo e não está mais com um corpo mortal.

8. O nascimento de Jesus e de Moises: Mt apresenta o nascimento do Menino Jesus fazendo um paralelo ao nascimento de Moises e assim o evangelista mais uma vez quer

⁸ Joseph Ratzinger A Infancia de Jesus p. 89

mostrar o evento de Jesus como a continuidade do AT, mas também apresentando a sua novidade: Ele é aquele que traz o cumprimento à Lei e aos profetas. Segundo um Midrax judaica⁹, a Faraó soube que nasceria um menino judeu que iria libertar o povo e manda matar todas as crianças judias; os pais de Moisés eram santos e piedosos e um anjo anunciou-lhes que seu filho iria libertar Israel. E agora, Jesus é aquele Menino chamado do Egito e que refaz o caminho de Israel, (Mt 1-2). Ele é mais que Moisés: é o Filho de Deus, o Emanuel, o Filho de Davi! Por isso Mateus narra a origem humana de Jesus: se por um lado Ele vem de Abraão e de Davi, por outro lado, Ele vem diretamente de Deus (daí Mateus conta a concepção virginal dele). Ele é o Emanuel, o próprio Deus no meio do seu povo!

9. Os episódios da fuga para o Egito (Não sabemos a que ponto são histórias verdadeiras), mas sabemos a intenção teológica do autor: mostrar como Jesus é aquele que veio para assumir a nossa história, tudo o que o povo viveu ele vai reviver, tudo o que nós vivenciamos ele assumiu sobre si e deu novo significado. E por isso Mt apresenta o nascimento de Jesus como cumprimento de tudo o que está escrito na Escritura: Várias vezes ao longo do Evangelho Mt usa a frase e nos primeiros dois capítulos bem 4 vezes: “tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta” (Mt 1,22; 2,15.17.23).

10. José nos faz lembrar do José de Egito, que foi vendido como escravo pelos seus irmãos e acabou chegando em Egito. A providência divina lhe fez superar as dificuldades ao longo do caminho (Gn 37-50) e ele, ao final torna o salvador do seu Povo. O mesmo Egito que era a terra de refúgio depois tornou-se a terra da escravidão e Deus fez salvar este povo, depois, através Moises. Aqui José, o pai putativo de Jesus, pegando o Menino e sua mãe fugam a noite para o Egito segundo como havia dito o anjo. E quando o anjo lhe anuncia que o Herodes morreu eles voltam para sua terra, porém por enquanto vão morar em Galiléia, pois quem está agora governando a Judeia é Arquelau, o mais cruel dos filhos de Herodes. Por isso não pode voltar para Belém, para sua terra e segundo a indicação do anjo José vai para morar em Galiléia. Assim cumpriu a profecia “do Egito chamei meu Filho”. Jesus revive a história do povo Israel.

11. A massacre dos inocentes:

Embora não sabemos, se aconteceu ou não o fato real, sabemos que Herodes era um homem cruel e ele não tinha medo de matar a ninguém. Segundo o historiador Flávio Josefo, Heródes ordenava vinganças e assassinatos com crueldade sem limites. Durante toda a vida, Herodes foi um arrivista cruel e sem escrúpulos. Quando jovem, ele matou Malic, o homem que tinha envenenado seu pai (43 a.C.). Aprisionou Fasael, seu irmão, que, em desespero, cometeu suicídio. Tampouco teve escrúpulos para matar sua esposa Mariamne I (29 a.C.) e, anos mais tarde, os dois filhos que tivera com ela, Alexandre e Aristóbulo (7 a.C.). Não satisfeito, cinco dias antes de morrer, ele mandou executar seu outro filho, Antípatro, nascido de Dóris, outra de suas esposas.

Nem com a morte se aproximando brilhou na alma desse rei cruel algum escrúpulo de consciência. Ao contrário: ele projetou sua última crueldade ordenando que sua irmã

⁹ São narrações, memória histórica do Povo Israel a partir do êxodo transmitido no início oralmente e depois por escrito e não sempre encontra na Sagrada Escritura. São semelhantes aos livros apócrifos. Assim como diz o II Crônicas 13,22: “o resto da história de Abias, seu proceder e seus atos estão escritos no Midrax do profeta Ado.

Salomé reunisse em Jericó todos os poderosos do reino para que fossem assassinados assim que ele próprio morresse.

Por isso a massacre dos inocentes não era nada para ele e para sua consciência se tivesse acontecido também (Mt 2,16-18). Herodes ficou muito perturbado (Mt 2,3) quando alguns magos lhe anunciaram do nascimento do “Rei dos judeus”. A partir daquele momento, Herodes não teve mais paz. Ainda que seja assim a vida de Herodes, para nós o que importa é o sentido teológico do texto: Jesus revive toda a história do povo Israel.

12. Retorno de Egito e estabelecimento em Nazaré:

Jesus passou sua infância em Galiléia e segundo Mt ele começa sua missão também lá. A Galiléia era conhecida como “**a Galileia dos gentios**”, terra meio pagã aos olhos dos judeus de Judá e exatamente esta sua permanência em Galileia, a sua origem de Nazaré, fez com que os judeus não conseguiram aceitar Jesus. Por isso os judeus falavam desprezando-o: “De onde vem toda a sabedoria dele? ... De Nazaré pode vir algum bem?” (Mt 13,54 e Jo 1,46). De fato, era um território tão desprezado pelos judeus. Após os exílios muitos dos judeus tiveram casamentos mistos e não eram mais uma raça pura e os judeus de Judá se consideravam mais puros, descendentes de Davi, sendo Belém pertence a Judeia. Para eles o Messias nasceria de Belém de Judá (Mt 2, 5, conforme avisaram ao rei Herodes) e então a proveniência de Jesus de Nazaré não concordava com a Escritura. Porém para o Evangelista Mateus é importante esta sua presença em Galiléia e ao redor do rio Jordão, nas terras de Zabulon e Naftali (4,13) para mostrar o cumprimento das profecias de Isaías (Is 8,23-9,1): “Galileia dos gentios, o povo que jazia nas trevas viu uma grande luz; aos que jazem na região sombria da morte, surgiu uma luz” (Mt 4,16). E lá que Jesus começa a pregar: “Converti-vos: o Reino (a realeza) dos céus está próximo” Mt 4,17. É o resumo de todo Evangelho de Mt.

OS CINCO LIVROS DE MATEUS

1º Livro:

A PROCLAMAÇÃO DO REINO DE DEUS (Mt 3-7) A

3-4: NARRAÇÃO – início do ministério de Jesus em Galileia:

Pregação de João Batista (3,1-12), Batismo de Jesus(3,13-17), Tentaçao no deserto(4,1-11) e Retorno à Galiléia (4,12-17).

1. O Batismo de Jesus

Quando estudamos o Evangelho de Mc já vimos sobre as tentações. Mas neste momento em que vivamos a grande crise mundial não só sanitárias devido a corona vírus, mas com todas as suas consequenciais afetadas em todos os campos da vida da humanidade como: econômico, mundo do mercado, comunicação, trabalhos, sustento, crise dos primeiros mundos, impotência da humanidade diante do mistério da vida, da morte, das doenças, falta das celebrações religiosas comunitárias de todas as religiões, educação, sistema social...tudo está em abalo. Neste momento vale a pena dar uma olhada

nas tentações que Jesus enfrentou no deserto após o Batismo mais uma vez. Esta vez queremos dar uma olhada com a ajuda do livro do Papa Bento XVI: “Jesus de Nazaré”.

Dois pontos a respeito do Batismo de Jesus:

1. O Pai apresenta publicamente o Filho ao mundo dizendo: “Este é meu filho muito amado, em quem me comprazo” E estava aí a voz do Pai (Deus disse e tudo foi criado: a voz de Deus é o Filho, nele tudo foi criado e por ele tudo será redimido) e o Espírito Santo (em forma da Pomba). A santíssima Trindade presente mais uma vez no Batismo de Jesus, assim como na criação, (Gn1,1) e assim após do dilúvio (Gn 8,11). A voz de Deus Pai que o pai Abraão escutou (Gn 12,12), que Moises escutou (Ex 3, 4) agora todos os que estavam lá na beira do rio Jordão ouviram. Para o Povo de Israel que estava esperando o Messias, esta manifestação de Deus era suficiente. Mas não quiseram ouvi-lo!

2. O enfiar de Jesus na fila dos pecadores no rio Jordão para ser batizado por João Batista, já antecipa simbolicamente a sua descida na mansão dos mortos no dia do sábado santo. Ele agarra toda a história desde o início (desde Adão) atravessá-la e sofrê-la completamente para que assim a possa transformar¹⁰.

Este ícone mostra desta disposição de Jesus em assumir a nossa condição humana e carregar sobre si a nossa miséria e isso aconteceu não só a partir da morte de Jesus, mas desde primeiro instante do mistério da encarnação no seio da Virgem Maria (Fil 2, 6-8) e aqui no rio Jordão, Deus desceu lá no fundo, na máxima miséria humana. Descendo nas águas de Jordão Jesus já esmaga a cabeça de Leviatã e liberta o Adão e Eva da boca do dragão.



3. O deserto

Após disso Jesus vá reviver toda a experiência do seu Povo no deserto: São Marcos, embora narra bem curto a tentação de Jesus no deserto, usa uma expressão bem interessante: “Jesus vivia entre as feras e os anjos o serviam” Mc 1,13. Aqui encontramos uma situação paralela a do Adão no jardim de Paraíso: Os animais selvagens, que representam a forma concreta da ameaça do homem através da rebelião da criação e do poder da morte, tornam-se aqui os amigos como no paraíso. É assim restaurada aquela paz anunciada pelo profeta Isaias: “Então o lobo habita com o cordeiro, a pantera com o cabrito...” (Is 11,6). Onde o pecado é vencido, a harmonia do homem com Deus é restaurada. Por isso que são Francisco de Assis, o álter Christi, conseguiu amar o irmão lobo e a irmã ovelha.

Os 40 dias que Jesus passou no deserto: é um número simbólico para a Bíblia: faz a alusão a: os 40 dias e 40 noites teve a duração de dilúvio (Gn 7,17); os 40 anos de Israel no deserto (Nm 14,33; 32,13; Dt 8,2; 29,4); os 40 dias que Moises passou no monte Sinai, antes de poder receber a Palavra de Deus, a tábua da Lei (Ex 24,18); os 40 dias que Abraão passou sem comer nem beber, tendo se alimentado apenas com a visão e coma palavra do anjo que o acompanhava; foram 40 dias que Jesus passou no deserto antes de iniciar a vida pública (Mt 4,2; Mc 1,12; Lc 4,2); Ele permaneceu com os apóstolos após a

¹⁰ Joseph Ratzinger, Jesus de Nazaré, p.40.

ressurreição, comendo com eles e explicando a escritura (At 1,3); Eram 40 chicotadas dadas a alguém que errava como forma de correção (Dt 25,3) e 40 chicotadas Paulo recebeu pelo menos cinco vezes menos uma (2Cor 11,24).

O número 40 é símbolo da existência humana. Jesus passou 40 dias no deserto significa que ele experimentou na sua pele toda a miséria humana, toda tentação do homem de todos os tempos e lugares.

Ao final se apresenta o diábo para lhe tentar:

4. As tentações:

1ª tentação: *“Se és Filho de Deus, ordena que estas pedras se transformem em pão”. O tentador quer colocar Jesus na prova da existência de Deus.*

“Se tu és Filho de Deus”, resolve com facilidade o problema principal do mundo: a fome.

Na verdade Jesus é o Pão, e ele mesmo vai falar: “quem comer deste Pão viverá eternamente” (Jo 6) e ele colocou para nossa disposição o Pão eucarístico, milagre que multiplicou em todos os tempo e lugares ao longo destes séculos todos e, quando ele viu a multidão com fome, Jesus multiplicou os pães e peixes para milhares de pessoas. Mas aqui o problema não é se Jesus pode ou não pode.

O problema é transferir para Jesus a tentação do homem de hoje: fazer tudo sem Deus. Ele chegou a sentir-se auto suficiente e não precisa mais de Deus. Ele chegou a fabricar o pão da pedra, nascer crianças sem intervindo do homem e mulher, fabricar tudo sem Deus. E quando Jesus quis resgatar a vida, curar os doentes, libertar os oprimidos, começando os judeus, o colocaram a julgar: “de onde vem este poder para ele, ele não é o filho de carpinteiro?”. Não queriam saber, nem queriam aceitar se ele era Filho de Deus. E lá na cruz vão gritar ainda: “Se és Filho de Deus desce da cruz e nós cremos”.

O homem quer que Deus faça o milagre quando ele lhe pede e quando ele quer e isso para mostrar ainda mais sua superioridade diante de Deus. É a mesma raiz do pecado original: “Se vocês comeram, vão tornar-se como deus” (Gn 3,5). Não precisa mais ficar dependendo de Deus, tentar Deus de fazer o que o homem quer, segundo a própria vontade. E Jesus respondeu: “ O homem não vive somente com pão, mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4). A eucaristia se multiplica quando tem a Palavra da boca de Deus o acompanha, a multiplicação dos pães aconteceu pela Palavra da boca de Jesus.

Olha o que está acontecendo hoje atrás destas coronas vírus: O primeiro mundo, que chegou ao completo desenvolvimento com base em princípios puramente técnicos e materiais – que não só deixa Deus de fora, mas também força o homem a d’Ele se afastar com orgulho do seu saber fazer melhor- de repente não consegue mais controlar em nada e em ninguém. De repente caiu por terra toda sua força de transformar o pão de pedra.

Deus criou cada coisa segundo sua espécie para produzir e multiplicar-se. O pão vem do trigo e não de pedra, mas, o homem começou fabricar tudo: os ovos sem galinhas, as crianças sem homem e mulher, as plantas sem ser provenientes da sua natureza etc. Tudo se tornou fruto do laboratório e não segundo sua espécie. Transformar o pão da pedra com uma só palavra é mais fácil do que trabalhar com suor e fazer o pão.

O homem pensou de viver sem Deus, de viver somente de pão, conseguiu chegar às alturas sem ouvir a Palavra que sai da boca de Deus. Esta é a tentação do super-homem que aqui transfere para Jesus, e ele carregou sobre si nossas culpas.

2ª tentação: “*Se és Filho de Deus, atira-te para baixo, porque está escrito: Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito...*”. 4,6.

Nesta segunda tentação satanás quer tentar Jesus, atrair Jesus à sua armadilha, com a Sagrada Escritura. Parece que ele é um grande conhecedor da Escritura, um exegeta, um especialista, um teólogo que sabe bem e ainda decorado a Bíblia. Ele cita o salmo 91,11s que fala da proteção que Deus concede ao homem que confia nele. De fato, a explicação da Sagrada Escritura pode tornar-se um AntiCristo¹¹. Quantas divisões, brigas e desentendimentos por causa da interpretação da Palavra! Torna-se a Bíblia, o falar de Deus e não Deus falando. Somos apenas nós que falamos e que determinamos o que Deus pode fazer e o que nós queremos que ele faça. E a exegese é científica e não o que Deus fala. O debate teológico entre Jesus e o demônio é para falar a respeito de Deus, o debate acerca de quem é Deus?

Este Deus, silencioso impotente, é Deus mesmo?

A chave da leitura da segunda tentação está na resposta de Jesus: “Não debes tentar o Senhor teu Deus” (Dt 6,16). O contexto no Deuterônomo era: o povo saindo do Egito, da escravidão, após de ter assistido o milagre da travessia do mar vermelho, sentiu a sede e começou a murmurar contra Moises, pensava que ia morrer no deserto de sede e assim levantou-se uma rebelião contra Moises, contra Deus. Diz a Escritura: “Eles submeteram Deus à prova, ao dizerem: o senhor está ou não está no meio de nós?” (Ex 17,7). Deus deve submeter-se à prova, Ele é “provado” como se experimentam mercadorias. Ele deve submeter-se às condições que nós declaramos necessárias para a nossa certeza. Se ele não atende à proteção prometida pelo salmo 91 então não é Deus. Então ele próprio falsificou a sua própria palavra e a si mesmo. Nós queremos assim submeter Deus às nossas condições laboratoriais, esquecendo da dimensão do amor, de doação de si, do caminho da cruz que ele trouxe.

Neste contexto da corona vírus em que vivamos, quantos de nós gostaríamos que Deus manifestasse a sua potência! Ele tirasse as nuvens da sua frente e descesse para intervir, para que todos creem. Quantos de nós repetimos as palavras dos chefes dos sacerdotes e escribas debaixo de cruz; “se és Filho de Deus, desce da cruz, nós cremos em Ti” (Mt 27, 40.42).

De fato, a partir daqui, o pináculo do Templo nos envia para o monte calvário: Jesus não se atirou do Pináculo do Templo, Ele não saltou para o abismo, ele não tentou a Deus, nem quis fazer milagre do jeito que queriam para eles acreditaram. Mas Ele desceu ao abismo da morte, à noite do abandono, à mansão dos mortos e isso por amor, não com a prova laboratorial, mas pela prova do amor, para resgatar a todos, inclusive os seus inimigos.

Após de tudo isso a tentação do homem de tentar a Deus continua! Não temos ainda encontramos o tempo para contemplar os caminhos de Deus, a lógica do Evangelho, no isolamento social atual, continuamos tentando Deus. Seria bom voltássemos para ler e entender a lógica do Evangelho e desistirmos de questionar tudo querendo entender tudo.

3ª tentação: O diabo leva Jesus para um alto monte para que veja tudo que há em volta. Mostra-lhe todos os reinos da terra e do seu resplendor e oferece-lhe o domínio do mundo:

¹¹ W. Solowjew “Breve narrativa do Anticristo” 1986

“Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares. Ai Jesus lhe disse: “vá-te, Satanás, porque está escrito: ao Senhor teu deus adorarás e a ele só prestarás culto” 4,10.

E nesta terceira tentação o satanás mostra a Jesus todos os reinos da terra dizendo-lhe “eu te dou tudo isso...” como se fosse tudo é dele. Satanás, será que esqueceu que tudo foi criado, nos céus e na terra, as visíveis e invisíveis... por Ele e para Ele e tudo será renovado e redimido por Ele e Ele é a primazia de tudo? (Col 1,16ss).

Do outro lado, o povo judaico esperava a chegada de um Messias que trouxesse a prosperidade: Esperavam para um rei que tenha o poder sobre o mundo, que traga a paz e o bem estar no mundo. Quando Pilatos colocou Jesus e Barrabás para escolher a quem crucificar e a quem libertar, escolheram Barrabás, exatamente porque ele era um conhecido líder “messiânico”, que tentava trazer o domínio pela espada, era um líder zelota, um lutador de resistência que com as armas queria conquistar o mundo (Mt 27,16). Bar-Abba significa “filho de Deus”. E o nome completo de Barraba era Jesus Bar-Abbas. A última grande guerra messiânica dos judeus fora conduzida no ano 132 por Bar-Kochba, *filho da estrela*. Se hoje devemos escolher, escolheríamos a quem? O mundo escolheria um Jesus pobre, sem arma, sem defesa, sem grupo ou partidário forte, tendo apenas um grupinho de seguidores, pobres pescadores?

O ensino do sermão da montanha, o ensino da humildade, de mansidão não dava muita segurança para aquele povo; a lógica de Jesus, a vitória pela cruz, não dava muita segurança ao povo judaico que esperava a libertação e a prosperidade messiânica. O povo vai atrás de quem promete o dinheiro, a posse, os títulos e o bem estar e não atrás de um que prega: “ não junteis tesouros na terra...”5,19; “quem me quer seguir, toma sua cruz e siga”, “o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” 8,20, “não leveis ouro, nem prata, nem cobre nos vossos cintos, nem duas túnicas, nem sandálias...” 10,9; “Afasta-te de mim satanás, Tu me serves de tropeço, porque não pensas as coisas de Deus, mas dos homens” 16,23.etc.

Vamos olhar para nosso mundo atual: os homens do primeiro mundo, os homens sábios e inteligentes pensaram que tudo é uma vitória dele, é o alcance da humanidade o progresso, o conhecimento, e ele é o dono do mundo do mercado, ele chegou a fazer o pão das pedras, ele chegou a pular do alto das montanhas, a distância não é mais motivo de medo ou suspeito para ele. Tudo parecia estar no seu controle, no seu alcance, e até a vida do outro. O homem chegou num avanço que ninguém neste mundo tem mais a privacidade, tudo está no controle do homem. E neste contexto que chegou a corona vírus e o que tem estes para falar? Quem consegue mais ter controle? O homem desistiu?

Vale a pena lembrarmos as palavras de um médico italiano ateu, Dr. Julian Urban, do hospital de Lombardia, diante da fé de um velho sacerdote que visitava todos os dias os pacientes e levava a comunhão para eles e ao final ele também morreu e o médico quando chegou no seu limite do profissional, cansado, doente reduziu dizendo: “Até duas semanas atrás, meus colegas e eu éramos ateus. Era normal porque somos médicos. Tínhamos aprendido que a ciência exclui a presença de Deus. E agora creio, creio naquele sacerdote, creio em Deus, o homem quando para, Deus começa agir”.

É para isso que Deus permitiu a corona vírus? Será que o mundo ainda reconhece que não somos nós que possuímos todos os reinos da terra para oferecer-lhe, mas é ele o senhor da história, é ele que disse: “Tenho todos os poderes do céu e da terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos...” Mt 28,18.

Quantos jovens, médicos, cientistas, estudiosos já colocaram Deus ao lado, ou até mesmo fora do seu círculo da vitória e Jesus se tornou um dos convidados quando Ele precisar! Jesus não caiu na tentação no deserto, Ele superou tudo com a Palavra que sai da boca de Deus e os homens caíram e para se levantar do chão agora só Deus ao nosso socorro! Precisamos voltar “a adorar o Senhor e somente a Ele prestar o nosso culto” Mt 4, 10.

As três tentações: as raízes de todos os pecados: prazer, ter (possuir) e dominar

No livro de Gênesis, quando a serpente apresentou o fruto da árvore à mulher, ela “**viu** que seria bom **comer** da árvore, pois era atraente para os **olhos** e desejável para obter conhecimento” Gn 3, 6. Estas três realidades – “comer”, “atraente para os olhos” e “desejável para obter conhecimento” - perpassam toda a história da humanidade: representam **a tendência do homem para o prazer**¹² (*era bom para comer*, Segundo o psicanalista Freud, a boca, o paladar, a experiência do beijar da criança e o amamentar-se são primeiras experiências da vida sexual além da *proteção e nutrição das crianças em relação à mãe, a boca= primeira areia sexual*) **para possuir (ter)** as coisas (é a concupiscência dos olhos, *viu que era bom* e de consequência, a tendência de adquirir: quanto mais tem, surge o desejo de adquirir mais) e para **o poder**, essa última entendida como uma espécie de astúcia operativa, é a concupiscência de dominar. Dar o fruto ao outro é convidar o outro para ser cúmplice, e de consequência nasce o domínio sobre o outro. “Se comer, vão tornar-se como deus, não precisa mais depender dele, vocês serão deuses, conhecedores e possuidores do bem.

Diante destas três tentações enfrentadas desde primeiro Adão até o último Adão, Jesus assume para si o abismo e a suma de todos os pecados com todas as suas consequências ao enfrentar o satanás no deserto: transformar a pedra em pão, **satisfazer** o paladar sem suor, demonstrar seu **poder**: “Se és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo” e seu **ter (possuir)** recebendo todos os reinos da terra¹³.

Os votos religiosos da **castidade** (amar a todos sem possuir a ninguém, sem ter afetos particulares, tendo o corpo casto= privo de prazeres carnis), da **obediência** (não usar nenhum poder sobre outros, mas submeter-se à toda autoridade e usar a autoridade como serviço) e da **pobreza** (não possuir nada de próprio, considerando que tudo é de todos) é a única forma para superar todas as tentações pelas suas raízes. Por isso a vida religiosa é o caminho para voltar ao paraíso, a situação do homem e da mulher antes do pecado¹⁴.

¹² O objeto dessa concupiscência é tanto a gula quanto o sexo desordenado, que é o vício da luxúria. É curioso que, na mesma época em que se vê o fenômeno da anorexia, de meninas que morrem de fome porque não querem comer, percebe-se uma humanidade que busca o prazer venéreo, mas não quer assumir a responsabilidade dos filhos. As pessoas querem comer, mas não querem engordar; querem fazer sexo, mas não querem estar abertas à vida, querem o pão, mas não querem trabalhar: É melhor transformar o pão de pedra!

¹³ Deus criou o homem para que ele participasse de Sua divindade, mas ele deveria sê-lo pela graça, não por suas próprias forças. Quando Eva “se apega ciosamente ao ser igual a Deus”, ela rouba, com as suas mãos se fecham para pegar para si. As mãos de Cristo são o contrário das mãos de Eva: elas se abrem para dar. Enquanto Eva quis, Cristo tudo entregou. Enquanto as mãos de Eva se voltam ao lenho para pegar, as de Cristo se deixam pregar ao lenho da Cruz para dar. Da primeira árvore nos vêm a desgraça e a morte; da segunda, a graça e a vida, a nossa salvação.

¹⁴ Aqui se identificam os nossos relacionamentos com o outro, com as coisas e conosco mesmos. Se abusamos de outra pessoa, usando-a como objeto para obter prazer, estamos cedendo à concupiscência da carne; se idolatramos as coisas,

.....

5. Chamada dos quatro primeiros discípulos (Mt 4, 18ss):

Jesus volta para Galileia e antes de iniciar a vida pública **escolhe os discípulos**, mostrando a renovação do Povo das Doze tribos, a nova reunião de Israel, formando o novo Povo com os Doze. E seguem os milagres: Jesus curava os enfermos de todos os tipos e vinham de todos os lugares. Mt mostra aqui como foi rápido espalhando a mensagem de Jesus ao redor: “Sua fama se espalhou por toda a Síria (conjunto de três províncias), seguiam-no multidões numerosas vindas da Galiléia, da Decápole (10 cidades, espalhadas a leste e ao nordeste do Jordão, até Damasco inclusive), de Jerusalém, da Judeia e da Transjordânia (Mt 4,24-25). Jesus agora não é um simples mestre dos Doze ou um simples Moises que conduz o novo Povo, mas é aquele que redime, é o Redentor, é o Salvador. Aonde está ele, está o Reino de Deus. Na mesma hora em que ele anuncia ele realiza também. Não precisa mais esperar outro tempo para sua realização.

Assim como o Povo de Israel, liberto da escravidão, atravessando o mar vermelho, sobe para a Montanha e Moises recebe os Dez mandamentos, agora Jesus refaz a história do Povo como novo Moises: Após de ter passado por rio Jordão no Batismo (Mt3,13ss), feita a experiência do deserto (4,1-11), escolhendo os Doze, sobe para a montanha. Lá sentado, como o Mestre de Israel, sentado na cátedra, ensina.

Ao redor dele além dos Doze tem uma multidão: “Vendo ele as multidões, subiu para a montanha” (Mt 5,1). Agora não é mais a revelação do rosto de Deus só a Moises e o Povo fica em baixo esperando a volta de Moises (Ex24,2), mas todos aqueles que tem a disposição de ouvir o Mestre, pode receber a sua mensagem: a sermão da montanha.

Cap. 5-7: O DISCURSO DA MONTANHA:

(O único discurso inteiramente dirigido a multidão) Os outros: Missionário dirigido aos discípulos (10) Eclesial (18) Parábolas (13) e escatológico (25) (fala ao povo mas depois dirige aos discípulos)

b) O Discurso da Montanha (5,1 – 7,29)

Contexto: É o primeiro discurso que Jesus faz na sua vida pública segundo o Evangelho de Mt. Vendo o povo Jesus sobe para a montanha: Os discípulos de repente se aproximam a Jesus.

Vendo uma multidão Jesus sobe para a montanha, a multidão o segue e Jesus senta-se (como Moisés na sua cátedra) no Monte (como Moisés no Sinai); aí ele *abre a boca* e proclama: Moises no monte Sinai ouviu Deus e recebeu de Deus a Lei. Aqui Jesus mesmo é o Deus e ele mesmo fala.

A multidão está escutando, mas os discípulos se aproximaram dele (5,1):

É o único discurso que no Mt (entre os cinco discursos) Jesus inteiramente dirige ao povo e como grupo constituído, e por isso o discurso é para o povo eleito, para a Igreja,

pensando estar nelas a nossa felicidade, cedemos à concupiscência dos olhos; e se fazemos de nós mesmos deus, estamos na soberba da vida.

para seu jeito de ser. No deserto, na hora da tentação Jesus falou: “O homem não vive só de Pão, mas de toda palavra *que sai da boca de Deus*” (Mt 4, 4). É agora a hora de sair a Palavra da boca dele. E, esta palavra não pode ser jogado no lixo.

Até aqui o Evangelista Mateus não fala dos discípulos em grupo, os chamou singularmente, mas agora eles juntos estão se dirigindo em direção à Jesus. Mais tarde, ao terminar o sermão muitos dos que estavam ouvindo o seguiram **(8,28)**.

Ouvir a Palavra requer este movimento do coração em direção à Ele e consequentemente tornaram seus discípulos, se não acontecer isso seria como as pérolas jogadas aos porcos: “não deis aos cães o que é sagrado, nem atireis as vossas pérolas aos porcos, para que não as pisem e, voltando-se contra vós, vos estraçalhem” (Mt 7, 6). A comunhão com Cristo é em movimento, é comunhão e missão. E no final do Evangelho, ao subir para o céu Jesus envia os discípulos com esta mesma missão: “ide, fazei que todas as nações se tornem meus discípulos” **(Mt 28, 19)**. Que todos possam tornar os discípulos. Que possam fazer esta experiência que o povo fez no discurso da montanha.

Ouvindo a sua palavra, seguir Cristo, tornando-se discípulo dele não é só compromisso dos padres ou religiosos, é um compromisso de todos, de cada batizado: O Papa Francisco diz no EG: “... hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” .EG 26

Estrutura do Sermão da montanha: aonde começar e como proceder

d. **Ação de Deus (As Bem aventuranças)**

c. **O nosso passado: Não veio para aboli-lo (6,1-18)**

b. **Relação com o próximo (aqueles que enraiva 7,1-12)**

a'. **Parte central: O Pai Nosso (relação meu com Deus)**

b'. **Relação com as coisas: não acumular os tesouros**

c'. **O nosso presente e futuro: tudo aquilo que quereis**

d'. **A resposta do homem: fazer a vontade do Pai**

AS BEM AVENTURANÇAS

As bem aventuranças têm uma tradição antiga, que traduz uma promessa, por exemplo, o primeiro Salmo diz: “Bem-aventurado o homem que confia no Senhor” (Sl,1; Jr 17,7). Estes tipos de bem aventuranças eram um caminho da sabedoria.

Primeiramente esta bem-aventurança é **o retrato de Jesus**: Jesus não tem onde reclinar a cabeça (Mt 8,20), Ele é o verdadeiro pobre e o manso e humilde de coração (Mt 11,29), Como ele tem o coração puro, sempre vê a face de Deus.

No segundo lugar estas bem aventuranças é **o retrato de cada discípulo**: Na verdade, Mt se lembra dos ensinamentos de Jesus diante da situação dos discípulos após a Páscoa: De fato eram pobres, famintos, que choram, que eram odiados e perseguidos. São Lucas apresenta estas bem aventuranças introduzindo: “Erguendo os olhos para os

discípulos Jesus disse” Lc 6,20. Ou seja, trata-se da situação de cada cristão que de verdade quer ouvir a palavra e seguir Jesus.

São Paulo descreve da experiência como apóstolo: “ somos considerados por impostores, somos, no entanto, sinceros; por desconhecidos, somos bem conhecidos; por agonizantes, estamos com vida; por condenados e, no entanto, estamos livres da morte. Somos julgados tristes, nós que estamos sempre contentes; indigentes, porém enriquecendo a muitos; sem posses, nós que tudo possuímos!” II Cor 6, 8-10) "Em tudo somos oprimidos, mas não sucumbimos. Vivemos em completa penúria, mas não desesperamos. Somos perseguidos, mas não ficamos desamparados. Somos abatidos, mas não somos destruídos. Trazemos sempre em nosso corpo os traços da morte de Jesus para que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo."(II Cor 4, 8-10).

As bem aventuranças são um paradoxo: os critérios humanos são subvertidos, os valores evangélicos são diferentes dos valores do mundo, é uma inversão dos valores. Embora de primeira vista dá ideia de promessas que há de vir, Jesus aqui fala do presente e seus ensinamentos não são baseados numa simples ideologia ou utopia. As bem-aventuranças exprimem o que significa o discipulado. Ela se torna tanto mais concreta e real quanto mais completa for a entrega do discípulo ao serviço do reino. Pois o discípulo está ligado ao Mestre, ao mistério de Cristo. A sua vida está mergulhada na comunhão com Cristo; “já não sou eu que vivo, é Cristo quem vive em mim” (Gl 2,20).

São 9 bem-aventuranças:

1. “Felizes **os pobres** no espirito, porque deles é o Reino de Deus”.
2. Felizes **os mansos**, porque herdarão a terra
3. Felizes **os aflitos**, porque serão consolados
4. Felizes os que **tem fome e sede de justiça**, porque serão saciados
5. Felizes os **misericordiosos**, porque alcançarão misericórdia
6. Felizes os **puros no coração**, porque verão a Deus
7. Felizes os que **promovem a paz**, porque serão chamados filhos de Deus
8. Felizes os que são **perseguidos**, porque deles é o Reino dos Céus
9. Felizes **sois**, quando **vos** injuriarem e vos perseguirem e, mentindo disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós”.

1. “Felizes os pobres no espirito, porque deles é o Reino de Deus”.

No tempo da dominação da Judeia pela Babilônia, 90% dos judeus eram contados entre os pobres; por causa da política dos impostos seguida pelos persos, depois do exílio ocorreu de novo uma dramática situação de pobreza. A antiga visão segundo a qual tudo corre bem para o justo, sendo a pobreza então consequência de uma má vida (a relação de causalidade entre ação e condição), deixou de se manter. Agora Israel reconhece outro aspecto da pobreza: os pobres na humildade estão próximos do coração de Deus em oposição à soberba dos ricos, que apenas confiam em si mesmos. Maria e José, Ana e Joaquim, Simeão e Ana, Zacarias e Isabel, os pastores de Belém, os Doze chamados pelo Senhor todos pertenciam a este círculo dos pobres, diferente dos fariseus e saduceus.

Contudo, a pobreza que Jesus refere na Bem aventurança não é um fenômeno simplesmente material. A simples pobreza não redime e o coração daqueles que não possuem pode estar endurecido, envenenado, ser mau – interiormente cheio de cobiça pela posse das coisas, esquecendo-se de Deus. Do outro lado a Pobreza que Jesus fala não é simplesmente uma atitude espiritual, nem um programa social. É o que São Francisco de Assis fez diante do Bispo: desapegando-se de todas as coisas e de todas as pessoas, se deixou revestir pelo manto do Bispo como representante da bondade de Deus, se agarrou à Igreja, se agarrou às palavras de Jesus: “o vosso pai celeste que veste o lírio do campo com mais beleza do que a de Salomão” Mt 6, 28. Esta extrema humildade e confiança em Deus Pai o levou para a liberdade total e doação de si total. É o viver neste mundo “tendo como se não tivesse” (1Cor 7,29).

2. Felizes os mansos, porque herdarão a terra:

É o resultado de ser livre e pobre. É o salmo 37,11. A expressão “mansos” “simples” na Bíblia é o “anawim”: os pobres de Jahweh. “Moises era um homem muito humilde, mais do que nenhum homem sobre a face da terra” Nm 12,3; E Jesus: “tomai o meu jugo sobre vós e aprenderei de mim que sou Manso e humilde de coração” Mt 11,29. Cristo é o novo e verdadeiro Moises, o soberano e o humilde. E ele é o anunciado rei pobre, humilde, vem montado num jumentinho, no potrinho de uma jumenta” Zc 9,9; Mt 21,4; Jo 12,15 e o seu império não é limitado num canto do mundo, mas ele “dominará de um mar para o outro mar”, a imagem do globo terrestre envolvido por água em toda a sua volta está aqui subjacente e deixa antever a extensão mundial do seu domínio.

E durante a peregrinação pelo deserto o Povo de Israel tinha, como novo horizonte e como ponto de chegada “a terra prometida”. E o povo tinha a consciência que ele pertencia à Deus, propriedade dele, além de um simples possuir um pedaço da terra. De fato, segundo São Francisco de Assis, a castidade é a consequência da pobreza: não possuindo nada possuir o Tudo, e é a superação das fronteiras.

3. Felizes os aflitos, porque serão consolados

Parece uma contraditória: como é que torna uma bem aventurança o fato de chorar? Há duas tristezas: uma tristeza que perdeu a esperança e por isso não confia em Deus e então arruína o homem por dentro. Há também a tristeza que vem do abalo, da comoção provocada pela verdade que leva o homem à conversão, à resistência contra o mal. Esta tristeza cura, leva o homem a acreditar em Deus e a amar de novo. O exemplo da primeira tristeza é Judas, chorou amargamente mas depois assustado pelo próprio erro, não conseguindo mais acreditar nem em si nem em Deus foi se enforcar. O exemplo da segunda é Pedro: chorou amargamente, tocado pelo olhar do Senhor, desata em lágrimas, que são salvadoras: elas lavaram profundamente o terreno da sua alma, e ele voltou de novo a testemunhar e recuperar o mal feito. Outro exemplo é o texto de Ezequiel 9,9: O homem vestido de linho vem traçar o sinal do Tau na fronte das “pessoas que gemiam e choram em reparação pelos pecados próprios e dos outros” e estes são salvos. Debaixo da cruz estavam as Marias e o discípulo amado que estavam chorando, estavam compadecendo-se e estes serão consolados daqui a três dias. Dizia São Bernardo de Claraval: “Deus não pode sofrer, mas pode compadecer-se”.

A tristeza da bem aventurança não é o conformismo com o mal, mas é um modo de viver as contrariedades da vida.

4. Felizes os que tem fome e sede de justiça, porque serão saciados

É igual à terceira bem aventurança. É manter o olhar para o além, para o além da injustiça dos dominadores deste mundo, é o olhar para o novo horizonte, assim como os sábios do oriente se deixaram ser conduzidos por uma estrela e chegaram até a Jesus. São homens de uma sensibilidade que os capacita para ouvir e para ver os sinais que Deus envia para o mundo e que quebram assim a ditadura do costume. Dizia Edith Stein: “Uma vez que quem procura honesta e apaixonadamente a verdade está à caminho de Cristo” e só Cristo sacia a nossa fome e sede.

5. Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia:

6. Felizes os puros no coração, porque verão a Deus

O órgão com o qual o homem pode ver Deus é o coração, como também a base afetiva da alma. O coração entende-se a totalidade do homem e que deve ser puro, interiormente aberto e livre, para que o homem possa ver Deus. “Quem é que pode subir para amontanha do Senhor e quem pode permanecer em seu santo lugar? Quem tem as mãos limpas e coração puro, quem não mente nem faz um juramento falso” Sl 24. O Israelita rezava este Salmo enquanto sobe para o templo, aliás diante da porta do templo (o salmo 24 é salmo que os Israelitas rezavam enquanto subia as escadarias do templo de Jerusalém = chamado salmo das subidas¹⁵). Portanto, a honestidade, a fidelidade a veracidade e a justiça para com os outros homens e para com a comunidade (a ética social) é que prepara o coração para ver Deus. Neste sentido subir para ver Deus é praticamente descer para viver a humildade e a submissão; é a conversão do coração, é amar e servir.

7. Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus

Para compreender esta bem aventurança basta olhar para o Menino Jesus e o Augusto Cesar. O Augusto Cesar tinha adquirido o título de “construtor da Paz de todo o mundo”. O Senhor tinha prometido à Davi: “No seus dias Israel pode viver em paz e em tranquilidade...ele será para mim filho e Eu serei para ele Pai” (1Cr 22,9ss). E o nome de “Salomão” significava para Israel “a Paz”, o portador da paz. Construir a paz pertence à essência da filiação. Aqueles que construam a paz são filhos de Deus.

8. Felizes os que são perseguidos, porque deles é o Reino dos Céus.

¹⁵ Os quinze salmos que compõem os Salmos das Subidas ou Canções de Subida formam o quinto livro do Saltério (Sl 120-134). Conforme seus títulos são chamados de Peregrinação, Degraus ou Cânticos das Subidas, com exceção do salmo 121 que traz seu título de Cânticos “para” as Subidas. Este pequeno conjunto de quinze salmos foram usados, na época do pós-exílio, como um pequeno hinário para as peregrinações do povo de Israel na sua caminhada para Jerusalém. O povo de Israel fazia esta caminhada em visita ao Templo de Jerusalém, pelo menos em três grandes festas: A Páscoa, A Festas das Semanas/Colheitas/ Pentecostes e A Festa das Tendões ou Tabernáculos (Ex 23,14-17; Lv 23,1; Dt 16,16).

9. Felizes sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós”.

A TORÁ E A NOVIDADE DE JESUS: FOI DITO, MAS EU VOS DIGO **6 antíteses (5,21-48):**

Os Israelitas tinham a lei chamada Torá, mas Jesus disse: “Foi dito, mas eu vos digo”. São Paulo diz na carta aos gálatas: “Permaneçei pois, firmes na fé e não torneis a sujeitar-vos ao jugo da escravidão”. Gl5,1. “Fostes chamados à liberdade e esta liberdade não é como pretexto para servir a carne, mas fazei-vos servos uns dos outros pela caridade” Gl5,13.

A maior parte do discurso da montanha é dedicada a este tema.

Para os primeiros cristãos, os judeus convertidos, ainda não tinha a certeza de até que ponto podem seguir Cristo e a lei de Moises. Não tinha a ideia clara ainda entre as duas leis e aí são Paulo lhes demonstra a diferencia entre uma e outra. A carne (ter nascido na família dos judeus, como filhos de Abraão) já não diz mais nada, somos renascidos no espírito, em Cristo. Nele somos pessoas novas.

Contudo, a novidade que Cristo trouxe não é para abolir a lei antiga, mas sim de cumprir. Também porque Deus que preparou este povo e lhe acompanhou até aqui para cumprir as promessas. Mas agora é ele a nova Lei. Não precisa mais a lei de Moises. O sermão da montanha, (o povo subir, Jesus sentar...) prepara o contexto para isso. Jesus apresenta a lei de Moisés como uma antítese: “Foi dito aos antigos, Eu porém digo-vos”. O Eu de Jesus avança para uma dignidade que nenhum doutor da Lei podia permitir-se. O povo quase se assustou a ver o modo como Jesus estava ensinando (Mt 7,28), pois tinha uma autoridade. São **seis antíteses**¹⁶ que Jesus apresenta aqui no sermão da Montanha: Todas as antíteses tem a mesma estrutura: *foi dito, mas eu vos digo*: Assim Jesus aperfeiçoa a Lei, dando-lhe a Graça. Jesus não só ensina a maneira perfeita da Lei, mas dá a graça de praticá-la. A nova Lei acompanha a Graça, o Espírito Santo. Assim a perfeição da Lei é o amor. (Sl 118)

1. Contra homicídio e injurias: Ex 20, 13- (Mt 5,21-26)
2. Contra o adultério: Ex 20,17 - Mt 5,27-30)
3. Contra divorcio Mt,19,1-9. Dt 24,1 (Mt 5,31-32)
4. Contra o juramento (Mt 5,33-37)
5. Contra o espírito de vingança – perdão (Mt 5, 38-42)
6. Amar os inimigos (Mt 5, 43-48).

¹⁶ No mundo filosófico, segundo a estrutura dialética de Hegel, existe três momentos para formar um conceito; é um processo espiral sobre o conhecimento, partindo da uma ideia base que é chamada de tese, contrariada por outra ideia, chamada de antítese e chegando a uma conclusão chamada de síntese, que passa a ser uma nova tese, por isso, espiral, algo que não tem fim, mas uma evolução de ideia.

Aqui no Evangelho é Mt é uma radical distinção entre a Lei e a graça. A síntese é o resultado da tese com a antítese. A síntese entre uma semente (não-árvore) e uma árvore (não-semente) é o próprio processo de transformação da semente em árvore. Na semente já está árvore (na antítese já está a tese e a síntese em forma latente), mas ainda não desenvolvido. Precisa de um processo até que chegue à árvore e na árvore em qualquer momento do seu processo já contém a semente. A Lei antiga (a semente) já é um terreno preparado e projetado no coração de Deus para o novo (a promessa) e que Jesus vai trazer a tese (o novo) transformar a antítese com sua tese numa nova síntese e a sua vez os apóstolos vão compreender o antigo e o novo e com a graça de Deus e vão formar a nova síntese, transmitida aos novos cristãos.

A segunda e terceira antítese merece ser analisado – Adulterio e divórcio:

Adulterio: O olhar desejando a mulher do outro era já pecado no AT (Ex 20,19: o 9º mandamento). A novidade que traz Jesus não é simplesmente o olhar físico, mas a atitude de coração, são os sentimentos profundos que vê só Deus. Os vv 29-30 provavelmente era do pericope de Mt 18, 8-9 “quem der o escândalo a um dos pequenos ...”. Qualquer modo, seja num ou outro caso Jesus disse de uma mudança radical de pensamento, evitando qualquer tipo de possessivo ou discriminação da mulher. A mulher não é simplesmente um objeto de prazer dos homens “o descartável, usa e joga fora”.

A terceira antítese é um complemento da segunda. Talvez o evangelista Mt colocou-a para reforçar o argumento de Jesus em Mt 19,1-9. A lei mosaica permitia ao homem judeu de divorciar se encontrar nela alguma coisa vergonhosa (Dt 24,1). Existia uma discussão entre as escolas judaicas sobre esta lei. Segundo a escola Shammai era permitido, alias, necessário o divórcio por causa de uma culpa grave da mulher como adultério. A escola de Hillel, permitia tal divórcio por qualquer motivo, até se a mulher queimasse a panela. Jesus não si alia com nenhum deste tipo de ensino, aliás ele não apoia ao divórcio por nenhum motivo, e ele leva a mente dos discípulos a intenção originaria de Deus (Mt 19,4-6). Pois segundo Jesus, se o homem divorciar a mulher - no caso da sua infidelidade- automaticamente está permitindo ela continuar e permanecer na infidelidade e ela contrair outros casamentos e isso levaria ao maior pecado já que cada casamento é indissolúvel e por isso o casamento precedente torna-se solúvel.

Para os Israelitas, o marido que surpreendesse a mulher em adultério, tinha o direito – se não o dever – de a denunciar e de provocar o castigo da mesma, que era habitualmente a pena de morte (cf. Levítico 18,20; 20,10; Deuteronômio 22,20); ora, uma vez morta a esposa adúltera, está claro que o marido, casando-se de novo, não cometeria adultério. Dado, porém, que a esposa adúltera não fosse apedrejada ou não morresse logo, ficaria claro – conforme Jesus -, que novas núpcias não seriam permitidas a nenhum dos cônjuges desquitados.

É muito discutido o caso de exceção de Mt “exceto no caso de fornicação” (Mt 6,32 e Mt 19,9)¹⁷: Todo aquele que repudia sua esposa, ‘fora do caso de adultério’, expõe-na a adultério; e todo aquele que esposa uma mulher repudiada, comete adultério” (Mt 5,32; “Todo aquele que repudia sua esposa, ‘a não ser em caso de adultério’ e se casa com outra, comete adultério (Mt 19,9):

Segundo alguns teólogos com tal expressão, Jesus mostra a santidade do casamento: Para a fornicação era usada a palavra grega *pornéia*, que corresponde ao termo hebraico “senut” que significava o concubinato, ou seja, a união ilícita, o matrimônio falso ou nulo (cf. Levítico 18,7-18; João 4,17s; 1Coríntios 5,1) e as relações incestuosas com parentes próximos, era contrária a Lei mosaica. E viver com uma mulher contaminada por outro homem, fora do casamento legítimo, resulta um sacrílego¹⁸. Segundo São Jeronimo, neste caso de fornicação (pornéia) que Jesus fala é para

¹⁷ Estas duas passagens são interpretadas pelos cristãos cismáticos do Oriente e pelos protestantes como se autorizassem o divórcio em caso de adultério.

¹⁸ Não há dúvida, esta também pode ser saneada pela legalização do matrimônio ou pela celebração legítima do contraio nupcial.

salvaguardar a santidade do matrimônio e para isso convém a separação do casal e isso não significa que permite um novo casamento.

Segundo outros esta seria um acréscimo de Mt ou pela comunidade judaica aonde prevalecia os casamentos ilícitos.

A ORAÇÃO DO PAI NOSSO:

A oração do Pai Nosso é a medula do sermão da montanha e é a oração por excelência do cristão. Pois nela está o rosto do Pai revelado pelo Filho e sua missão para o mundo, a instauração do Reino de Deus no mundo. É a oração que podemos rezar com os outros cristãos não católicos e por isso muitas vezes se tornou uma oração pública que podemos rezar sem medo. Existem muitas formas de oração, muitas novenas e muitos tipos de terços e ladainhas, dependendo das devoções de cada época e pessoas. Mas quando os discípulos perguntaram a Jesus: “Ensina-nos a rezar” (Lc11,1) Jesus lhes ensinou esta oração e nela contém, na verdade, todas as orações. Por isso vamos compreender melhor cada palavra.

A oração mais cara a São Francisco era o P.N. Ao exemplo de Cristo, quando os frades pediram-lhe que os ensinasse a rezar Francisco respondeu-lhes: quando orardes, dizei: “Pai nosso” 1C 45. Na RNB, São Francisco recomenda os seus irmãos não clérigos a recitar, em lugar das Horas canônicas 76 P.N. por dia.

Mas aos outros que não sabem letras não seja permitido ter livro. Os leigos digam o Credo in Deum e 24 P.N. com Gloria Patri pelas matinas; e por laudes, 5; para Hora Prima Credo in Deum e 7 P.N. com Gloria Patri; para Hora Sexta e Nona e cada hora 7, para Vésperas 12; para Completas Credo in Deum e 7P.N. com Gloria Patri; pelos mortos 7P.N. com “Dai-lhes Senhor repouso eterno...”; e pelos defeitos e negligências dos frades 3 P.N todos os dias (RNB 3,5-14). Convida também a todos os fiéis para louvar o Senhor com a mesma oração 2CF 21. E enfim, da sua boca saía muitas vezes esta exclamação belíssima e cheia de afeto: “Oh, quão glorioso, santo e grande ter nos céus um Pai” 2CF 54.

Antes disso vamos ver o contexto e a estrutura do p.N nos Evangelhos:

Contexto:

Mt coloca a oração do P.N dentro do contexto do primeiro discurso da Montanha e Lc a coloca enquanto Jesus estava subindo para Jerusalém, (Lc 11,1). E o P.N segundo São Lc é a oração de Jesus, surge do diálogo do Filho com o Pai, e por isso sua colocação é após a transfiguração. Lc apresenta o P.N em forma curta (5 pedidos) e a Igreja reza o P.N segundo a versão de Mt (7 pedidos).

Estrutura do P.N em Mt

No P.N existem sete pedidos:

3 pedidos formulados na segunda pessoa (Tu -Vós em portug.) e 4 na primeira pessoa do plural (nós)

Nos três primeiros (na primeira estrofe) trata-se de assuntos de Deus neste mundo (**Vosso Nome, Vosso Reino e Vossa vontade do Pai celeste**), a perspectiva é escatológica;

Nos quatro pedidos seguintes (a segunda estrofe) trata-se das necessidades cotidianas do mundo presente e por isso na perspectiva terrena. Total assim sete pedidos, número

preferido de Mateus. Podemos compará-los com as duas tábuas do decálogo: o amor de Deus e do próximo. Vamos tentar adentrar então nesta oração.

Pai Nosso:

Antes de tudo Jesus nos ensina a chamar de Deus com o título do “Pai”. No At existia esta expressão “Pai” para Deus, mas no sentido diferente: Por exemplo na oração judaica de 18 Bênçãos, é chamado Deus como Pai com nome: **Abinu** = Pai Nosso e esta palavra tem o sentido de pai como: padrão, o senhor, o criador, e quando Jesus usa a palavra **Abbá** tem o significado do Pai que ama o Filho, o Filho que ama o Pai e que conhece até o íntimo do Pai e vice-versa. É uma paternidade divina revelada por Filho como “meu Pai que me ama”, “que me conhece” e que “o Filho não faz nada se não o que quer o Pai” e “eu e meu Pai somos um só”, “como Tu Pai estás em mim e eu em ti” (Jo17,21). É naquele sentido do *papai* que o filho se dirige ao seu amado pai.

São Francisco de Assis tinha entendido este amor e por isso quando ele diante do bispo, nu desta terra, desapegado de tudo, disse: “agora posso chamar Deus meu Pai” LTC 20. A partir de então ele foi capaz de confiar totalmente em Deus Pai e nele enxergar todos e amar a todos, como seus irmãos. E sua oração ao Deus Onipotente: *“Onipotente, eterno, justo e misericordioso Deus, dai a nós, miseráveis, fazer, por vós mesmo, o que sabemos que vós quereis, e sempre querer o que vos apraz,”* Ou seja, desejar não só para fazer a vontade de Deus mas também querer o mesmo querer de Deus.

É o que Jesus disse: Eu e meu Pai somos um e o Filho não faz nada se não o que quer o Pai (Jo 17). Quando Jesus nos ensina a chamar Deus de “Pai” significa que tenhamos os mesmos sentimentos de Jesus. São Paulo dizia: “tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus” Fil 2,5.

Pai Nosso: E o Pai é nosso. Ele não considerou ciosamente (Fil 2,6) o Pai só para ele. Ele quer que nós também amamos Ele como nosso Pai. O desejo dele é “todos chegam ao conhecimento do Pai”. “Como tu e eu somos um assim eles também estejam conosco” (J 17,23). “Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a conhecê-lo, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles” Jo 17, 26). Jesus quer que todos nós reconheçamos que o Pai é nosso, e todos são seus filhos. É ele que nos criou, é Ele que nos redimiu e é Ele que nos ama antes que nós o amamos. “Deus amou tanto o mundo que entregou o seu filho único para que todo o que crê nele não pereça, mas tenha a vida eterna” Jo 3,16.

Assim como um pai da família fica feliz quando os filhos se amam entre si (e se, apesar que cada filho ama o pai, entre os filhos se brigam, ele não seria feliz) assim Jesus quer que nós amamos entre nós para chamarmos com a mesma voz “Pai nosso” e colocássemos “tudo em comum” assim chegarmos à dignidade dos Filhos com Pai “Que sejam um conosco assim como eu e Tu somos um só” (Jo 17,21).

O P.N. é uma oração em primeira pessoa plural. Somente quando nós “estarmos junto, um só” como filhos de Deus, podemos absolutamente ultrapassar as fronteiras deste mundo e chegar a Deus. E Jesus nos ensinou assim rezarmos, pois “a partir de nós não sabemos como rezar e de que modo rezar correto” (Rm 8,26).

Quando falamos Pai **nosso**, referimos que todos os que chamam Ele de Pai são filhos, apesar da imensa diferença que temos entre nós e da imensa diferença com a qual nós nos relacionarmos com o mesmo Pai. Cada um de nós tem um jeito único de relacionarmos com Deus Pai. O nosso relacionamento é único. Aqui está a beleza da oração do P.N. E Jesus nos ensinou a rezar contemplando a nossa diferença. Quantas pessoas tem neste mundo tantas são as diferenças entre nós. E estando nesta diferença que Jesus nos ensinou a rezar Pai nosso e não Pai meu. Ele quer que eu reconheça que meu Pai é pai também do outro que eu não aceito, não concordo com seu jeito de pensar e agir.

Pai Nosso que estás no céu:

Este Pai nosso - é verdade que é um Pai de kenoses, um Pai que desceu a manifestar-se o seu amor para conosco através o seu Filho Jesus, um Pai misericordioso que é bondade infinita, um Pai *abbá*, o papai, o painho, mas no mesmo tempo este seu descer até anos não significa que ele é igual aos nossos pais terrestres -, Ele é o soberano, Ele é além da lei do tempo e do espaço, Ele é Onipotente, o soberano, pertence ao "Céu", além do nosso conhecimento e da nossa capacidade de entendimento. A paternidade amorosa e a familiaridade com Deus não ofuscam a sua soberania.

No evangelho de Mt encontramos o título do Pai referindo a Deus bem 45 vezes (em Mc 5x e Lc 17x e em Jo 118 x).

O Pai nosso *está nos céus* significa que está além das nuvens, além das nossas compreensões, e está escondido e precisa procurá-lo. Se Deus fosse visível seríamos constrangidos a aceitá-lo assim como Ele é, agora escondido e vamos descobri-lo. Ele nos deixa livres para procurá-lo.

Seja santificado o Vosso nome:

A expressão em passiva mostra que o sujeito agente é Deus mesmo, No primeiro lugar *Deus mesmo que santifica o nome de Deus*: Ou seja, Deus mesmo deve manifestar a sua glória. Ele mesmo deve atuar o seu Reino e a sua vontade. Existe uma unidade entre estes três primeiros pedidos: Deus mesmo deve agir para que aconteça o Reino de Deus. Por isso Jesus rezou na sua oração sacerdotal: "eu te glorifiquei na terra, conclui a obra, e agora, glorifica-me Pai, junto de Ti... Deus santificou e glorificou o nome de Jesus, porque Ele "abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre a cruz. Por isso Deus o exaltou e lhe conferiu o **nome que está acima de todo nome**, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, na terra e debaixo da terra. E pelo mistério da encarnação, morte e ressurreição de Jesus, Deus Pai santificou o nome de Jesus.

No segundo lugar, a santificação do nome de Deus acontece na medida que este nome *venha conhecido pelos filhos de Deus*. "Manifestei o teu nome aos homens". "Eu lhes dei a conhecer o Teu nome e lhes darei a conhece-lo" (Jo 17, 4-7).. A missão de Jesus é fazer nos conhecer Deus e conhecendo Ele, possamos glorificar o nome dele, e Ele, quanto mais vem conhecido pelos homens vem glorificado por Filho e pelos filhos. Assim como a glória e a honra dos pais são os filhos, assim como os pais se gloriam pelas glórias dos filhos assim, quanto mais somos coerentes à vontade de Deus e propagamos o nome dele, ele vem glorificado.

São Francisco reza na paráfrase do P.N. Que o conhecimento de vós mais se clarifique em nós, para conhecermos qual a largueza dos vossos benefícios, a

grandeza das vossas promessas, a alteza da vossa majestade, e a profundezza dos vossos juízos (Ef 3, 18).

No terceiro lugar, Deus é santificado *na medida em que suas criaturas são santas*: Na medida que conhecemos Deus devemos ser coerentes ao Pai. “Sede santos como Vosso Pai é santo” (Mt 5,48). O dever dos israelitas era se santificar para não profanar o nome de Deus (Ex 20,7Lv 19,2). “Santificarei o meu nome que foi profanado por vós no meio dos pagãos pelas vossas maldades” (Ez 36,23). Em poucas palavras, a fidelidade nossa e a santificação nossa é a medida da santidade de Deus. Já no AT Deus falou aos Israelitas no deserto: ‘Eu sou o Senhor que vos tirou do Egito para ser o vosso Deus. Sereis santos porque Eu sou Santo’ (Lv 1,44-45). Porém no AT amar o próximo não significava amar o inimigo; os israelitas não tinham a obrigação de amar o inimigo. E a novidade que Jesus traz para nos santificar encontramos na sua última antítese, dando perfeição ao 2º mandamento: “amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo”: Jesus fala que o Pai ama não só os bons, mas também os maus, e que ‘faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons, e faz chover sobre os justos e sobre os injustos’ (Mt 5,45). Jesus pergunta aos discípulos: ‘Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis?’ (5,46). Para o Senhor, ser perfeito como o Pai celeste, é amar também os inimigos, os que não nos amam. ‘Amái os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem e vos maltratam’(v.44). E mais ainda: “Não resistais ao mau. Se alguém te ferir a face direita, oferece-lhe também a outra” (v.39).

Então rezar “santificado seja o Vosso nome” é um grande compromisso da vida como também uma grande qualidade dos nossos relacionamentos.

Venha a nós o Vosso Reino:

É o segundo pedido. O motivo central da pregação de Jesus era instaurar o Reino de Deus. Todo o Evangelho de Mt está ao redor deste núcleo que é o Reino de Deus. Ele está já dentro da nossa história como a semente semeada por Jesus. Aonde tem Jesus tem o Reino de Deus. É o “já e ainda não” como podemos ver depois nas parábolas. Ela é sufocada, machucada, sofrida e escondida mas tem uma boa parte que dá fruto. Precisa esperar até o fim do tempo para ver o seu desenvolvimento, precisa ter a paciência como o homem que dorme após de ter semeado, pois é além da sua visão o crescimento da semente do Reino. Ele é o tesouro escondido atrás das terras, montes e mares. O Reino de Deus, a escatologia está dentro da nossa história embora em forma embrionada.

Seja feita a Vossa vontade como no Céu assim na terra:

O terceiro pedido recapitula os dois primeiros: ser realizado a vontade de Deus.. “A vida eterna é esta: que eles te conheçam, a Ti, o único Deus verdadeiro” Jo 17,3. No AT a vontade de Deus era manifestado no Torá, agora nas palavras de Jesus. Deus possa completar sua obra aqui na terra assim como no Céu. No céu os anjos e a corte celeste façam a vontade de Deus, reconheçam que Ele é único deus verdadeiro, e os homens também devem chegar à esta obediência e reverencia e possam glorificar o nome de Deus realizando a vontade de Deus. Em poucas palavras, a vontade de Deus, o desejo de Deus, seja realizada no sentido escatológico e no temporal.

O pão nosso de **cada dia** dai-nos hoje:

No segundo parágrafo encontramos mais 4 pedidos que são a respeito da existência humana. E a vida dos discípulos, dos primeiros cristãos que colocaram tudo em comum por causa de Cristo, tinha os três perigos: **a fome** (desigualdade na distribuição dos bens entre os primeiros cristãos Cfr. Atos), **o pecado** (a tensão que existia entre a Lei de Moises e a nova Lei de Cristo, entre a carne e o espírito e entre a vida no meio dos pagãos e a fidelidade com nova vida), **o mal** (preservar-se do maligno, de satanás). Por isso a necessidade de pedir a Deus as três necessidades: o sustento cotidiano, o perdão dos pecados e a preservação do maligno.

Pão cotidiano: Segundo Ex 16,4¹⁹ O povo poderia recolher o Maná no deserto para cada dia. Somente no sexto dia podia pegar para o sábado (que não podia trabalhar, era dia do repouso), mas o resto dos dias não podia guardar para outro dia. O que aconteceu quando desobedeceram e guardaram?:

"Moisés disse-lhes: "Ninguém reserve dele para o dia seguinte". Alguns não o ouviram e guardaram dele até pela manhã; mas criou vermes e cheirou mal. Moisés irritou-se contra eles. Todas as manhãs fizeram a sua provisão, cada um segundo suas necessidades. E, quando vinha o calor do sol, derretia-se." Ex 16,20-21.

Jesus no sermão da montanha vai falar:

"eis que vos digo: não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis, nem por vosso corpo, pelo que vestireis. ..Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta. .. E por que vos inquietais com as vestes? ...Não vos aflijais, nem digais: Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? São os pagãos que se preocupam com tudo isso. Ora, vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso... "Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã: o dia de amanhã terá as suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu cuidado". Mt 6, 25-34.

Segundo alguns teólogos aqui alude do **Pão eucarístico**. Se for também até o Pão eucarístico é providencia de Deus. Coma pandemia todo mundo percebeu que o Pão eucarístico se Deus não nos der não temos. Se não temos saúde, se não temos sacerdote, se não podemos abrir a porta, não temos o Pão eucarístico.

Para São Francisco "o pão nosso de cada dia" era o próprio Jesus: Ele rezava assim na paráfrase do P.N: O pão nosso de cada dia, o vosso dileto Filho nosso Senhor Jesus Cristo, nos dai hoje, para memória, e inteligência e reverência do amor que nos teve, e de quanto por nós disse, fez e suportou.

Seja a necessidade material que espiritual, se Deus não nos der não temos.

Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos:

É o quinto pedido: perdão dos pecados. O perdão que recebemos é na medida em que nós oferecemos o perdão aos outros. Aqui a parábola do devedor implacável que Jesus vai falar no quarto discurso (o discurso eclesiástico) nos ensina em forma melhor Mt 18, 23- 35.

"Então, o senhor o chamou e lhe disse: 'Servo mau, eu te perdoei toda a dívida porque me suplicaste. .Não devias também tu compadecer-te de teu companheiro de serviço, como eu tive piedade de ti?'. Para o discípulo de Cristo, o perdão de Deus e o perdão ao próximo

¹⁹ "O Senhor disse a Moisés: "Vou fazer chover pão do alto do céu. Sairá o povo e colherá diariamente a porção de cada dia. Eu o porei desse modo à prova, para ver se andará ou não segundo minhas ordens." O povo poderia recolher o Maná para cada dia. Se acumulava ia apodrecer.

estão em ligação íntima. E este perdão é em imitação à cristo: Jesus na cruz, na hora da angustia e sofrimento causada pelos seus inimigos ofereceu-lhes o perdão e pediu ao Pai que perdoasse loro “Pai, perdoa-lhes, não sabem o que fazem” Lc 23,34 e Jesus ensinou a Pedro e aos discípulos no quarto discurso de Mt: “Pedro se aproximou dele e disse: “Senhor, quantas vezes devo perdoar a meu irmão, quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?” Respondeu Jesus: “Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete”. Mt 18, 21-22.

E não nos submetas à tentação:

É o sexto pedido: O costume judaico é terminar a oração com um louvor a Deus, mas aqui Jesus termina com a suplica: O termo grego “*peirasmòs*” além de entender como tentação, é incitar ao mal, tentar, induzir à prova. Jesus nos ensina de invocar ao Pai de reservar-nos de alguém nos induzir para o mal, de preservar-nos das situações de perigos, da prepotência de satanás que pode nos induzir a cair no mal e nos afastarmos de Deus. É o pedido que Jesus fez aos discípulos no horto das oliveiras: “Foi ter então com os discípulos e os encontrou dormindo. E disse a Pedro: “Então, não pudestes vigiar uma hora comigo... Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca”. Mt 26,40-41.

Paráfrase: ***E não nos deixeis cair em tentação***: oculta ou manifesta, súbita ou renitente.

Mas livra-nos do maligno:

É o sétimo pedido: É o lado positivo do pedido anterior. O maligno é o tentador, o satanás. É o exemplo que Jesus disse na parábola do semeador: "quando um homem ouve a palavra do Reino e não a entende, o Maligno vem e arranca o que foi semeado no seu coração. Este é aquele que recebeu a semente à beira do caminho." Mt 13,19; Satanás, o adversário, o demônio, anda ao redor de nós como o leão que ruge, buscando a quem devorar."(1Pd 5,8). E ele é aquele inimigo que vem a noite para semear o joio no meio do trigo enquanto o dono está dormindo Mt 13, 25-29.

E Jesus na sua oração sacerdotal reza: “Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno” Jo17,15.

E se olharmos para as sete igrejas às quais São João escreve as cartas encontramos que os primeiros cristãos eram de grande entusiasmo no início, mas depois vão ficar como mornas, perdendo o entusiasmo inicial, misturando com outros pagãos e aí o maligno vai tentando e induzindo para voltar para atrás. Por isso cada cristão deve rezar continuamente “livrai-nos do mal”.

Como os judeus terminavam cada oração num louvor, em alguns códigos primitivos encontramos o acréscimo: “Pois Vosso é o reino, a potência e a glória pelos séculos. Amém.” Independente deste acréscimo, a oração do P.N de fato, é um desejo da alma para ver a glória e a soberania Deus.

Paráfrase: ***Mas livrai-nos do mal***: passado, presente e futuro.

2ª PART

E: A PREGAÇÃO DO REINO DOS CÉUS (8-10) B

8-9: NARRAÇÃO – OS SINAIS DO REINO

(10 milagres mostrando a autoridade de Jesus, convite aos discípulos);

10: DISCURSO – **O DISCURSO DA MISSÃO**

- Mateus reúne muito de quanto Jesus fez e disse sobre a missão de anunciar o Reino.
- **a) Parte narrativa (8,1 – 9,38)**

Aqui Mateus deseja mostrar o que deve fazer e como deve agir e sentir aquele que é ministro do Reino:

- O modelo de pregação é o próprio Jesus: ele é compassivo com o leproso e a hemorroíssa, aberto a todos, como foi ao centurião e ao pecador Mateus, ele tem pena de todos: não é frio, legalista, indiferente e distante!
- O evangelista apresenta uma série de dez milagres, apresentando-os, portanto, como sinais que acompanharão a pregação do Reino – é este o sentido dos milagres nos evangelhos: são sinais!

b) O Discurso sobre a Missão (10,1-42)

- Jesus chama os Doze e os envia: deles nascerá a Igreja!
- eles devem pregar a todos e a todos levar a paz do Reino (aqui Jesus manda pregar somente a Israel (10,5-7);
- depois da ressurreição mandará a todo o mundo (28,19-20).
- Todos serão julgados pela atitude diante dos enviados de Jesus (10,5-16)
- os missionários serão sinal de contradição, como Jesus (10,17-25) não devem ser covardes nem medrosos (10,26-33)
- se Jesus é sinal de contradição, os discípulos também o serão e deverão segui-lo nisso (10,34-39) onde estiver um anunciador do Reino, aí estará o próprio Jesus (10,40-42).

3ª PARTE: O MISTÉRIO DO REINO DOS CÉUS (11-13,52) C

11-12: NARRAÇÃO – Jesus rejeitado por “esta geração”

13,1-52: DISCURSO – **O DISCURSO DAS PARÁBOLAS (sete parábolas sobre o Reino de Deus)**

a) A parte narrativa (11,1 – 12,50)

“Jesus partiu para pregar e ensinar nas cidades deles” (11,1):

Ele manda dizer ao Batista que é o Messias que traz o Reino (11,1-15)

Diante dele é preciso decidir-se e isto vai ser decisivo para o destino eterno de cada um (11,16-24)

Somente quem for simples pode acolher o Reino que ele traz e aceitá-lo como Messias (11,25-30)

Como Messias, ele é o Senhor do sábado (Mt 12,1-14)

Mas vai implantar o Reino como o Servo sofredor predito por Isaías (12,15-21)
Trazendo o Reino dos Céus, ele expulsa o reino de Satanás (12,22-37)
Por tudo isso não se pode ficar indiferente diante de Jesus: é preciso fazer parte da nova família que ele vem fundar (a Igreja) (12,43-50)
O sinal definitivo da presença do Reino será a Ressurreição (12,38-42).

b) O Discurso das Parábolas (13,1–52)

- Mateus reúne sete parábolas (sete é o número da perfeição, da plenitude);
- Jesus se senta num barco (é a posição própria do mestre, de quem está na “cadeira de Moisés”) e aí apresenta o Reino:

As 7 parábolas

1. É como o semeador que lança a semente (13,1-23)
2. É como um campo de trigo no qual cresce o joio (13,24-30)
3. É como um grão de mostarda (13,31-32)
4. É como o fermento que leveda a massa (13,33)
5. É como um tesouro de grande valor (13,44)
6. É como uma pérola preciosa (13,45-46)
7. É como uma rede jogada no mar (13,47-50)

4ª PARTE: A IGREJA, O NOVO POVO DE DEUS, PRIMÍCIAS DO REINO DOS CÉUS 13,53-18) B1

13,53-17,27: NARRAÇÃO – O SEGUIMENTO DE JESUS; Jesus é reconhecido pelos seus discípulos).

18,1-34: DISCURSO – **A VIDA COMUNITÁRIA NA IGREJA**

Mateus liga esta parte IV (B1) à parte II (B). A pregação dos Apóstolos dá origem à Igreja, início do Reino dos Céus: na Igreja o Reino já se faz presente como uma semente que um dia dará fruto!

a). Parte narrativa

Aqui Mateus reúne um material muito diverso, mas sempre em relação com a Igreja:

- Jesus é rejeitado em Nazaré: ele formará uma nova Pátria, um novo Povo, a Igreja (13,53-58)
- destino de João Batista já indica qual será o destino que o antigo Povo dará a Jesus (14,1-12)
- As multiplicações dos pães mostra Jesus, novo Moisés, que alimentará com o novo maná (a Eucaristia) o novo Israel (14,13-21; 32-39): os dois milagres mostram que a Igreja reunirá judeus e pagãos
- Aparece também o papel de Pedro: caminha sobre as águas e é feito pedra da Igreja (14,22-34; 16,13-20; 17,24-27)
- Jesus realiza cura para os pagãos renunciando a missão da Igreja e a conversão dos pagãos, que serão o novo Israel (14,34-36; 15,21-28)
- Jesus reprova as tradições do antigo povo, incrédulo e cheio do velho fermento (15,1-20; 16,1-13).
- Jesus anuncia sua paixão e convida a segui-lo: a Igreja deverá sempre responder este convite (16,21-28; 17,22-23)

- Jesus convida seus discípulos à viver na fé (17,14-20)
- Jesus se transfigura: ele é aquele de quem o Antigo Testamento (Moisés e Elias) tinha falado: a Igreja deverá sempre ouvi-lo! Ele morrerá, mas venceu! (17,1-8)

b) O Discurso sobre a Igreja

Aqui Mateus reúne várias palavras de Jesus sobre a vida da Comunidade: a Igreja deve ser como Jesus sonhou para ser sinal do Reino dos Céus!

Na Igreja, é maior quem serve mais (18,1-4)

- Deve-se evitar o escândalo, sobretudo por causa dos fracos na fé, que podem se desgarrar; os pastores devem preocupar-se com estes (18,5-14)
- Na comunidade deve haver a correção fraterna (18,15-18)
- Deve-se rezar em comum e perdoar-se mutuamente (19-35)

5ª PARTE: A VINDA PRÓXIMA E DEFINITIVA DO REINO DOS CÉUS) 19-25 A1

19-23: NARRAÇÃO – O REINO DE DEUS É PARA TODOS. A autoridade de Jesus, o último convite

24-25: DISCURSO – O DISCURSO ESCATOLOGICO (DA VIGILÂNCIA) Sobre as desgraças e vinda do reino

Esta parte (A1) está ligada à parte I (A): o Reino dos Céus que Jesus promulgou no início de sua pregação, ele agora vai realizá-lo efetivamente: com ele o Reino virá em plenitude!

a) Parte narrativa (19,1 – 23,39)

1. No primeiro bloco desta parte Mateus procura apresentar palavras e gestos de Jesus que mostram o quanto o Reino é exigente:

2.a questão do divórcio (19,1-9), o celibato (19,10-12), a necessidade de ser como as crianças (19,13-15), a necessidade de deixar tudo pelo Reino (19,16-30), a necessidade de fazer tudo isso por amor de Deus e não por interesse mesquinho (20,1-16), a necessidade de estar com Jesus na sua provação, seguindo-o sempre (20,17-34).

3.Outro tema importante é a polêmica de Jesus com Israel que, recusando Jesus recusa o Reino e se tornará estéril (21 – 22). Finalmente, Jesus censura os escribas e fariseus que se sentaram “na cátedra de Moisés” (23,2), cátedra que é de Jesus!

4.Aí Jesus lança lhes oito “ais”, em contraposição às oito bem-aventuranças: a mensagem é clara: diante do Reino, é necessário escolher entre a bênção e a maldição. Jesus faz o que Moisés fez com Israel (cf. Dt 28,1-46; 11,29; Js 8,32-35).

b) O Discurso Escatológico (24,1 – 25,46)

1. Usa o estilo apocalíptico, na linguagem simbólica, isto é, fala do aparição final do Reino usando imagens fortes como num quadro pintado com tintas bem berrantes, para chamar atenção!

2. Aqui Mateus mistura dois tipos de palavras de Jesus: um sobre a destruição de Jerusalém e outro sobre o fim dos tempos: a destruição de Jerusalém, que acontecerá logo [“esta geração não passará sem que tudo isso aconteça” (24,34)] é um sinal, um prenúncio do final dos tempos, que acontecerá “numa hora em que não pensais” (24,44), pois “daquele Dia e da Hora, ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas só o Pai” (24,36).

3. o apelo à vigilância: contra os falsos profetas e falsos messias (24,4-5), contra a apostasia e o esfriamento da fé (24,9-14.37-44). Jesus previne que o caminho não é fácil, mas quem perseverar será salvo (24,13)!

4. As 4 parábolas que Mateus coloca neste Discurso mostram bem isto:

1. A parábola da figueira (24,32-36): *necessidade de estar atentos aos sinais do Reino*

2. A parábola do mordomo (24,45-51): *necessidade da fidelidade esperançosa*

3. A parábola das virgens (25,1-12): *necessidade de vigiar*

4. A parábola dos talentos (25,14-30): *necessidade de trabalhar pelo Reino*

• Tudo isto se completa no quadro impressionante do último julgamento: nossa atitude diante de Jesus e de seu Reino decidirão nossa sorte eterna. Mas nossa atitude diante de Jesus passa por nosso comportamento em relação aos irmãos (25,31-46)!

CONCLUSÃO 26-28

26,1-27,56: PAIXÃO E MORTE DE JESUS

27,57-28,20: A RESSURREIÇÃO DE JESUS

No seu relato da paixão, morte e ressurreição, Mateus deseja mostrar que as Escrituras judaicas são plenamente cumpridas e o Reino dos Céus instaurado (26,29), tanto que os pecados são perdoados (26,28), a nova aliança é selada (26,27-28) a morte é vencida, os mortos saem dos túmulos e podem entrar com o Messias na Jerusalém Celeste (27,51-54).

• A Páscoa judaica vai ser cumprida na Páscoa de Jesus (26,1-2) e o templo de Jerusalém e o antigo culto da antiga aliança perde o seu sentido (27,51). Tudo culmina na Ressurreição, “após o Sábado, ao raiar do Primeiro Dia” (28,1), dia novo do novo Reino; dia da alegria (28,9). Mas somente pode participar da alegria de ver o Ressuscitado quem estiver disposto a caminhar, a ir para a Galiléia para começar a missão de anunciar o Reino (28,7).

CONCLUSÃO

Mateus encerra o seu evangelho de modo estupendo: o Novo Moisés, sobre à montanha, como no Monte Sinai, abençoa os seus e os envia definitivamente em missão... e promete: “Eu estarei convosco até a consumação dos séculos!” (Mt 28,16-20).